



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JOÃO ANTÔNIO DANTAS DE OLIVEIRA**

**(DES)CONECTANDO HEGEMONIAS E ESTIGMAS NAS RELAÇÕES  
INTERPESSOAIS: não-monogamias, (poli)amores & atualizações**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2023**

**JOÃO ANTÔNIO DANTAS DE OLIVEIRA**

**(DES)CONECTANDO HEGEMONIAS E ESTIGMAS NAS RELAÇÕES  
INTERPESSOAIS: não-monogamias, (poli)amores & atualizações**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para a aquisição do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Lemuel Dourado Guerra

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2023**

O48d Oliveira, João Antônio Dantas de.  
(Des)conectando hegemonias e estigmas nas relações interpessoais: não-monogâmias, (poli)amores & atualizações / João Antônio Dantas de Oliveira. – Campina Grande, 2023.  
93 f. il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho."

Referências.

1. Relações Interpessoais. 2. Não-Monogâmias. 3. Poliamores. 4. Hegemonias e Estigmas. 5. Tecnologias e Viralização. 6. Relacionamentos Poliafetivos. I. Guerra Sobrinho, Lemuel Dourado. II. Título.

CDU 316.47(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

## FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

**JOÃO ANTÔNIO DANTAS DE OLIVEIRA**

(DES)CONECTANDO HEGEMONIAS E  
ESTIGMAS NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS:  
NÃO-MONOGAMIAS, (POLI)AMORES &  
ATUALIZAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciências Sociais como  
pré-requisito para obtenção do título de  
Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 25/08/2023

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho - PPGCS/UFCG  
Orientador

Prof. Dr. Luis Henrique Hermínio Cunha - PPGCS/UFCG  
Examinador Interno

Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de Leon - PPGS/UFPB  
Examinador Externo



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/08/2023, às 23:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriano Azevedo Gomes de León, Usuário Externo**, em 31/08/2023, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **LUIS HENRIQUE HERMINIO CUNHA, PROFESSOR**, em 08/09/2023, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3735791** e o código CRC **697064E2**.

---

## **AGRADECIMENTOS...**

Às sementes que brotaram  
Elementos nutritivos e cuidadosos  
Afetos, medos e (in)seguranças  
Amadurecimentos, flores e sonhos criativos

Às vidas e artes que sensibilizam  
Em ânimos, construções, memórias e reflexos  
As luzes dos sentimentos sobre fantasmas  
Corpos, lágrimas, suor  
Encantos e cicatrizes feitas de verdades

Aos que sentiram, acalentaram  
Poesias, paz, metamorfoses e alegrias  
Alimentando encruzilhadas ao caminhar

Aos amores, diferenças e conexões  
Lembranças que retoma humano  
As minhas próprias sortes  
Movimentos (peri)gozos

Às fontes de resistências, energias, fôlegos  
Renascimentos e várias outras coisas...

## **(DES)CONECTANDO HEGEMONIAS E ESTIGMAS NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS: não-monogamias, (poli)amores & atualizações**

João Antônio Dantas de Oliveira

### **Resumo**

Relacionamentos interpessoais (amorosos-afetivos-sexuais) estão mutantes com velocidades e amadurecimentos, (des)carregados de poderes e influências hegemônicas-estigmatizantes. Amores e peri(gozos) assumem quais formas? Quais atravessamentos individuais e imposições sociais? Esses questionamentos alimentam o objetivo desta pesquisa: analisar (des)configurações interpessoais estimuladas por relacionamentos poliafetivos e suas vulnerabilidades com programações do sistema monogâmico compulsório, desde identificações ao (anti)viral. Através de experimentações e falhas, técnicas e métodos quantitativos-qualitativos desta pesquisa se transam: revisões bibliográficas que focalizam relacionamentos poliafetivos; perspectivas teóricas desde “hegemonias dos desejos” (MISKOLCI, 2017), “estigmas” (GOFFMAN, 1988), “dispositivos de controles” (FOUCAULT, 2010) e diversas outras inspirações. Dificuldades presenciais, crescente exposição online e interações sociais mediadas por tecnologias e mídias digitais, impulsionaram a realização do trabalho em campos-digitais: ocorre a seleção de perfis e redes sobre não-monogamias e relacionamentos poliafetivos; performances e publicações de suas experiências interpessoais; bem como os modos pelos quais públicos-seguidores interagem com os conteúdos veiculados nessas redes selecionadas. Novas intimidades, (des)funcionalidades comunicativas e monetização online são algumas (in)conclusões.

**Palavras-Chave:** Não-Monogamias; Poliamores; Relações Interpessoais; Hegemonias e Estigmas; Tecnologias e Viralização.

**(DIS)CONNECTING HEGEMONIES AND STIGMAS IN INTERPERSONAL  
RELATIONS: non-monogamies, (poly)loves & updates**

João Antônio Dantas de Oliveira

**Abstract**

*Interpersonal relationships (loving-affective-sexual) are changing with speed and maturation, (un)loaded with hegemonic-stigmatizing powers and influences. Love and danger take what forms? What individual crossings and social impositions? These questions feed the objective of this research: to analyze interpersonal (dis)conFig.tions stimulated by polyaffective relationships and their vulnerabilities with programming of the compulsory monogamous system, from identifications to the (anti)viral. Through trials and failures, techniques and quantitative-qualitative methods of this research transact: bibliographic reviews that focus on polyaffective relationships; theoretical perspectives from “hegemonies of desires” (MISKOLCI, 2017), “stigmata” (GOFFMAN, 1988), “devices of controls” (FOUCAULT, 2010) and several other inspirations. Face-to-face difficulties, growing online exposure and social interactions mediated by technologies and digital media, boosted work in digital-fields: there is the selection of profiles and networks about non-monogamies and polyaffective relationships; performances and publications of their interpersonal experiences; as well as the ways in which public-followers interact with the content broadcast on these selected networks. New intimacies, communicative (dis)functionalities and digital monetization are some (in)conclusions.*

**Keywords:** *Non-Monogamies; Polyamory; Interpersonal Relations; Hegemonies and Stigmas; Technologies and Viralization.*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fig. 1:</b> “Homem de convicções que topou numa incerteza”, Susano Correia (2018)..	7
<b>Fig. 2:</b> “homem beijando alguém que não está lá”, Susano Correia (2022).....	25
<b>Fig. 3:</b> “Homem germinando, depois de quebrar a cara”, Susano Correia (2021) ....	33
<b>Fig. 4:</b> “Homem brincando com duas ideias incompatíveis”, Susano Correia (2020)	35
<b>Fig. 5:</b> “De volta ao trabalho”, Susano Correia (2022). .....	39
<b>Fig. 6:</b> “Homem esperando pacientemente pelo amor”, Susano Correia (2018).....	46
<b>Fig. 7:</b> “Homem destruindo para encontrar-se”, Susano Correia (2017).....	53
<b>Fig. 8:</b> <i>WordCloud</i> "Tinder de Trisal", @trisal.d .....	73
<b>Fig. 9:</b> <i>WordCloud</i> "Tinder de Trisal", @trisal.m .....	73
<b>Fig. 10:</b> “O semeador de si”, Susano Correia (2021).....	88

## SUMÁRIO

99% .....	7
<b>1 MONOGAMIA INSTALADA.....</b>	<b>13</b>
1.1 Li e concordo com os termos de uso? .....	16
1.2 (Des)controles, corpos & sexualidades.....	18
1.3 Ninguém é de ninguém? .....	21
1.4 Até que a morte nos separe.....	26
1.5 Maçã dos desejos .....	28
1.6 ReconFig.ndo formas e hierarquias .....	30
1.6.1 (Des) + Naturalização das coisas = Cocriações .....	31
<b>2 POLIAMORES EM DOWNLOAD .....</b>	<b>34</b>
2.1 Mononormatividade & Politeorias.....	36
2.2 Poléculas em manutenção.....	39
2.2.1 Transando amores e intimidades.....	41
2.2.2 Entre liberdades e armadilhas... ..	46
2.2.2.1 (Des)identificações, diálogos e regras.....	50
2.3 (ANTI)VIRAL .....	54
<b>3 VITRINE DIGITAL: DESEJOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....</b>	<b>57</b>
3.1 Dependência Digital .....	57
3.2 Falhas & Métodos .....	60
3.3 Experiências <i>On-lines</i> .....	62
3.3.1 Monólogo: <i>Bicha Sem Cabeça</i> .....	62
3.3.2 Funcionalidades, Intimidades e Comercialização no Instagram .....	63
3.3.2.1 O terceiro travesseiro .....	66
3.3.2.2 Cabe +1? .....	67
3.3.2.3 Dificuldades, desafios e estigmas .....	68
3.3.2.4 <i>Tinder de Trisal</i> : propagandas e currículos .....	73
3.3.2.5 Grupos Não-Monogâmicos .....	78
3.3.2.6 <i>Close Friends</i> .....	80
3.3.3 (In)finalidades .....	82
<b>DE-COMPOSIÇÕES .....</b>	<b>85</b>
<b>Referências .....</b>	<b>89</b>

99%



**Fig. 1:** “Homem de convicções que topou numa incerteza”, Susano Correia (2018).

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

Aguarde. Os *softwares sociais*<sup>1</sup> estão carregando...

---

<sup>1</sup> A utilização de termos e caracteres digitais nesta pesquisa é intencional (*softwares*, *@*, *online*, *offline*, *viral*, *sistemas*, *(des)instalação*, *programação*, *downloading* etc.), para explorarmos e desenvolvermos uma linguagem sociológica-digital.

Pesquisar: amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Viver relações interpessoais (amorosas-afetivas-sexuais) com mais de uma parceria simultaneamente, inclusive com o reconhecimento e consentimento das pessoas envolvidas? Como essas experiências de relacionamentos que envolvem mais de duas pessoas estão sendo performatizadas em alguns espaços sociodigitais?

Poliamor: aproximadamente 4.140.000 resultados<sup>2</sup>. Não acredite no que você vai ler. Questione suas fontes e convicções. Assim, podemos compreender melhor nossos devaneios. Perceber o que está ou não funcionando. Editar, excluir e expandir memórias, entre cada célula de nossas misteriosas máquinas desejantes. Potencializar suas defesas e atualizações. Sem esquecer de viver a inocente nudez e a curiosidade eufórica da criação.

Até chegar à formulação da presente proposta de pesquisa, algumas etapas foram importantes. Lembre-se: este que escreve também é um sujeito/máquina desejante, além do sociodigital. Digo isso, pois, inicialmente parti de questões e curiosidades pessoais que surgiram em torno de como me é permitido viver relações interpessoais em sociedade e mundos.

Assim como a maioria dos sujeitos sociais que tenham nascido no Brasil ao final do século XX, fui desde cedo exposto a uma espécie de programação hegemônica<sup>3</sup> sobre as relações interpessoais, sendo atravessado pelo modelo formado por um casal “macho *versus* fêmea”, os quais depois de identificarem a paixão, idealizariam um casamento e “seriam felizes para sempre”, amém.

Desde minha adolescência tinha interesse em entender restrições presentes na idealização desses relacionamentos interpessoais, além de buscar reconhecer com quais ignorâncias e medos suas programações conseguiram me atingir como sujeito-objeto.

Amar e gozar sob quais formas? Quais imposições sociais (não) legais? Por que existem e como se comunicam? Questionamentos como esses serão explorados ao decorrer desta pesquisa.

Recordo do meu primeiro (des)afeto com o termo “poliamor”: foi em sala de aula, na graduação em Ciências Jurídicas e Sociais, através de um professor que citava hipóteses/realidades de relacionamentos poliafetivos e desafios na esfera

---

<sup>2</sup> Quantidade de resultados após pesquisar a palavra “poliamor” no *site* [www.google.com.br], em 03/09/2022.

<sup>3</sup> Sobre “programação hegemônica” será desenvolvida no Capítulo 1: “MONOGAMIA INSTALADA”.

jurídico-social na atualidade. Logo me confrontei: “mas o amor não é um e somente um entre duas pessoas?”.

Percebi que desde crianças somos (des)treinados a atuar como adultos. Ao mesmo tempo, o estranho além de gerar medo, torna-se alvo de desejos e descobertas. Quem, qual, quando, como? Como um simples (e complexo) termo me atizou a questionar o ser e estar: a poliamar?

Meus desejos e interesses questionavam os limites impostos pelos programas disponíveis. Quais linhas de fugas para relacionamentos com programação heteronormativa e monogâmica? Poliamores surgem como *links* para novos acessos, atualizando características pré-programadas. Será mesmo assim tão automático?

À medida que tive contato com uma bibliografia que focalizava relacionamentos poliafetivos, além de buscar produções artísticas audiovisuais: filmes, séries, podcasts, músicas; fui percebendo variedades e possibilidades de relacionamentos, colocando o tema em discussões entre amigos, familiares, colegas e desconhecidos, como também observar suas reações com a poliafetividade: quais níveis de (des)conhecimento e (des)interesse?

Meus acessos e pesquisas à temática do poliamor vêm me afetando desde minha graduação. Durante o programa de Mestrado em Ciências Sociais, torna-se mais uma etapa e oportunidade para poliamores e relacionamentos que lhe florescem, mas desta vez como possibilidade de análise socioantropológica, a qual corresponde, além da necessidade pessoal de compreensão das relações interpessoais em que me envolvo, também como uma maneira de contribuir para a formulação de discussões sociais-digitais sobre esses fenômenos.

Para refletir sobre as perguntas acima apresentadas é intenção desta pesquisa, partindo da “ontologia crítica de nós mesmos” (FOUCAULT, 2000, p. 351), focalizar o fenômeno do poliamor (vários amores) e suas relações com programações dos regimes hegemônicos de relacionamentos interpessoais evidenciados no sistema monogâmico compulsório. Quais potências esses regimes conseguem mobilizar: desde identificações a viralizações<sup>4</sup> nos grupos sociais poliamoristas, em especial no campus digital.

---

<sup>4</sup> O termo *viralização* nesta pesquisa será relacionado à estigmatização proposto por Goffman (1998). Explanado no Capítulo 2: “POLIAMOR EM DOWNLOAD”.

Assim, o objetivo geral é analisar (des)configurações hegemônicas estimuladas por relacionamentos poliafetivos e afins, performatizando suas experiências interpessoais com parceir@s em perfis construídos nos espaços das redes sociais digitais, bem como os modos pelos quais o público em geral que os segue/assiste e interage com seus conteúdos veiculados nas redes sociais digitais.

Através de testes, operações e caminhos desconhecidos, os métodos se inspiram por induções e movimentos sociais em atualizações. Compreendemos que além da oposição entre sistemas e relacionamentos, suas dialéticas serão oportunas a serem desenvolvidas e refletidas ao longo da escrita-leitura com inspirações rizomáticas: *"Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo"* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.35).

Os componentes de expressão e a estética desta pesquisa não se restringe apenas ao texto e suas normas instituídas. Os espaçamentos e páginas também são formulados com criatividade, poesias e (des)conexões extralinguísticas são fontes para conhecimentos.

Optei, por exemplo, pela utilização de hífens-interligando-palavras-elementos-sistemas-processos-desprojetando-exatidões-inícios-términos. A palavra-leitura também é movimento. Já a utilização frequente de interrogações durante a escrita tem o intuito de construir um texto que menos afirma e mais questiona, alertando sobre eventuais possibilidades de (des)compreensões, paradigmas-paradoxos.

Quem disse que toda questão exige resposta ou solução? Cada experiência de olhar (percepção) é um limite a ser liberado. Não se iluda com completudes. Utilize suas inquietudes, sensibilidades e alertas.

Metodologias fixas e confiáveis? Assumo metodologias híbridas e utilizo suas falhas em de-composições. Os métodos quantitativos e qualitativos da pesquisa se transam e vão além das estatísticas e números, pois mesmo que se espere e valorize a objetividade na produção científica, seja como método e resultado, as vozes dos sujeitos (subjetividades) neste trabalho têm uma atenção especial.

Os dados não estão isolados, são peças importantes que remontam histórias. Perspectivas teóricas são aqui exploradas, revisadas e questionadas como instrumentos sensíveis a análises e críticas.

Em relação à escolha do meio digital como espaço em que estou realizando um trabalho também de campo, se deu pelo menos por dois motivos: dificuldades em encontrar de forma presencial entrevistados dispostos a falar sobre suas intimidades

e relacionamentos interpessoais; e o interesse em escrever sobre áreas digitais que se delineiam problemáticas, na medida em que intensificam as interações sociais mediadas pela virtualidade contemporânea, sendo o ciberespaço o âmbito em que as relações interpessoais foram capturadas.

O texto da dissertação se estrutura em três etapas-capítulos: no primeiro capítulo “MONOGAMIA INSTALADA”: o sistema monogâmico será objeto para (des)construções, analisando suas programações através de elementos, atualizações e problemas: quais paradigmas e paradoxos sociais estão em fluxo?

Para auxiliar nesse capítulo, a perspectiva teórica proposta por Miskolci (2017) sobre regime hegemônico dos desejos nos relacionamentos em geral nutre reflexões para esta pesquisa, de modo a fazê-la incidir sobre a programação dos relacionamentos interpessoais destacados e suas (des)configurações.

Corpos, sexualidades e desejos. Ciúmes, intimidades e segredos. Formas e hierarquias cada vez mais afetadas pelo que se define por ‘natureza’, mas também com cocriações<sup>5</sup> adaptativas. Vivemos em inter-afetações de antigos e novos valores.

No segundo capítulo, “POLIAMOR EM DOWNLOAD”, focalizamos fluxos das mutações poliamoristas e seus downloads. Politeorias serão utilizadas em contraste com a monormatividade. Os modelos hegemônicos de amores são questionados: quais transições e tendências sociais das relações amorosas na atualidade são observadas? Liberalidades e movimentos de regulamentação? Transitividade e multiplicação de identidades?

A viralização e processos de imunidade hegemônica são animados. A “estigmatização” apresentada por Goffman (1988) será utilizada para análises e comparações sociais, através de pesquisas teóricas e sujeitos (curiosos e praticantes) que expõem suas narrativas e analisam o processo poliamorista: algumas de suas (não) identificações.

Como a estigmatização e as forças do tradicionalismo incidem sobre as experiências e contatos com a visibilidade digital dos relacionamentos poliafetivos e afins? Quais fluxos circulam nas críticas elaboradas em reação à visibilidade digital desses relacionamentos que se (re)conFig.m?

No terceiro capítulo, “VITRINE DIGITAL: DESEJOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS”, focalizo essas questões. Iniciamos apresentando algumas

---

<sup>5</sup> Ver o tópico “(Des) + Naturalização das coisas = Cocriações”.

funcionalidades das redes e alertas sobre dependências digitais para preparos e mergulhos nos modos de exposições digitais de vivências alternativas à monogamia e reações que a elas se esboçam.

Trazemos elementos frutos do acompanhamento de 2021 a 2023 de alguns perfis identificados como poliamoristas no *Instagram*, analisando e fazendo *screenshots*<sup>6</sup> das principais dúvidas, opiniões e curiosidades de públicos e seguidores.

Serão articulados fluxos-processos-resultados desta pesquisa, desde intimidades dos sujeitos ao mercado digital que estão (des)construindo. Sensibilidades, dificuldades, medos e prazeres foram excitados durante os trabalhos realizados.

Modos operativos de (poli)amor me atingem como sujeito, objeto, pesquisador. Está disposto a se (des)conhecer como personagem dessa história, seja como observador e/ou participante? Suscitar reflexões e cocriações, entre (des)entendimentos e reconciliações?

Às vezes, não precisamos ir tão longe, alguns caminhos podem ser encontrados nas vivências e em nós mesmos. Compreender mistérios e encontrar senti(n)do. Permita (assim como eu também permiti) o olhar socioantropológico ser mais um instrumento para análise dos interfluxos: desde o micro (íntimo) ao macro (social). E vice-versa. Se desconstruir não é se destruir. Somos experimentos e vidas.

---

<sup>6</sup> *Screenshot*: consiste na produção de uma imagem que reproduz a tela/ecrã de um aparelho digital em um dado instante.

## 1 MONOGAMIA INSTALADA

Obrigado pela preferência. Sua programação está iniciando...

Neste capítulo temos o intuito de (des)construção do sistema monogâmico, através da exploração de alguns de seus elementos constitutivos (pré-requisitos), atualizações, mas também insuficiências e inflexões. Sexualidades, corpos, gozos, desejos. Sobre quais (des)ordens?

Já foi exposto na introdução, mas vale lembrar que o intuito desta pesquisa também é enfrentar dicotomias e oposições entre regimes hegemônicos e subalternos de sistemas-relacionamentos. A programação monogâmica será investigada, questionando-se e refletindo sobre seus parâmetros/paradoxos sociais estabelecidos aos relacionamentos interpessoais: (poli)amorosos, afetivos, sexuais.

Para auxiliar no enfrentamento das questões aqui formuladas, perspectivas teóricas serão exploradas, dentre as quais, a dos “regimes hegemônicos do desejo” proposta por Miskolci (2017), a do estigma, de Goffman (1988) e de dispositivo de sexualidade, de Foucault (2010). Nossa intenção é analisar, hackear as linhas de forças e de fuga que pretendem (des)estabilizar o sistema monogâmico, refletindo sobre as (des)configurações das programações hegemônicas das relações amorosas-afetivas-sexuais no espaço das interações *offline* e *online*.

O modelo monogâmico se apresenta impositivamente em termos macrossociais, mas as relações poliamoristas têm se colocado crescentemente como alternativas. No projeto de pesquisa no qual se baseia o presente texto, tivemos como objetivo focalizar os elementos friccionados, os limites da monogamia na atualidade, focalizando as (in)visibilidades e os subterrâneos do referido modelo

Nossa intenção não é quantificar se são 2, 1.000 ou nenhum amor. Mais como os modelos de relações afetivas-amorosas-sexuais vão se definindo como alternativas no tecido social, considerando mais especificamente o espaço digital e suas qualificações.

As relações interpessoais são marcadas pela polissemia e por contradições, sendo a tarefa de analisá-las a partir das perspectivas socioantropológicas em territórios marcados pelas incompletudes. Estudar essas relações é sempre complexo, dadas suas múltiplas mutações por milésimos de segundos e suas subjetividades. Mas não somos (apenas) cronômetros. Podemos iniciar recortando

alguns autores e estudos já feitos sobre o tema, colorindo e experimentando suas percepções e as (co)criando.

Vasallo (2018) argumenta que a monogamia se apresenta além de uma prática, também como um sistema que molda e classifica relações afetivas e sexuais. É um sistema que pretende regulamentar o 'como', o 'quando', 'com quem' e 'qual' a maneira socialmente desejada de amar e desejar, programando privilégios e sentimentos de acordo com os interesses da cultura monogâmica, em cujos termos se definem o que nos causará interesse, medo, raiva, tristeza e confiança; o que nos machucará. Além de diversos outros sentimentos que transpiram no ser e estar relativos às relações interpessoais.

Na monogamia, mesmo existindo relações sexuais e/ou afetivas extramatrimoniais, define-se como legal e adequada apenas à relação diádica, que é socialmente definida como correta, tornando 'desviantes' os outros modelos (VASALLO, 2018).

A hierarquia dos desejos e afetos também são características presentes no quadro monogâmico, estando nela destacada a ideia de exclusividade afetiva e sexual diádica. Vale salientar que essa exclusividade não define a concretude da vivência da monogamia, mas estabelece formalmente uma importância maior do casal conjugalizado em relação aos amantes, amores, amizades, familiares e *pets*.

O casamento monogâmico, como arranjo "ideal" das relações interpessoais não possui funcionalidade absoluta, já que a prostituição e a infidelidade sempre demonstraram serem complementos à exclusividade baseada no amor romântico (VAZ DA SILVA, 2018).

Sobre alguns elementos que sustentam a concepção da monogamia, destaco a classificação que ainda é sentida e até mesmo hierarquizada no social: laços reprodutivos > laços consanguíneos > laços afetivos. Trago a simbologia dos "laços" como compromissos e restrições. De forma crua: nos enlaces reprodutivos se encontram nossos genitores; nos consanguíneas demais parentes e familiares; e nos enlaces afetivos caberiam novos relacionamentos e amizades.

A partir dessa fundamentação hierárquica (laço reprodutivo no topo), fez/faz sentido para o modelo heterossexual monogâmico se consubstanciar como o hegemônico social até hoje? Nesta atualidade, onde identidades fragmentadas englobam a diversidade e transcendem muros aproveitando suas brechas, estaria a monogamia em processo de atualização?

Seguindo a perspectiva hierárquica acima mencionada, Théry (2000) confere uma importância central ao condicionamento histórico das transformações na instituição familiar. O tempo mostra que modelos conjugais estão se transformando.

Engels (2016) desde o século XIX exemplificava a monogamia como dispositivo importante para a sustentação da família patriarcal, assegurando a paternidade “legítima” e uma gestão da propriedade privada juridicamente controlada. Mas esse “casal-cadeia” com características institucionalistas, sexualmente diferenciado e focado na reprodução sofreu mutações, surgindo o novo modelo de “casal duo”, mais igualitário e orientado para as realizações pessoais dos pares unidos.

Roussel (*apud* 1991) contribui para essa discussão, descrevendo a gradual transição desde a “família instituição” com finalidades de sobrevivência reprodutiva e subordinação ao instituto do matrimônio. Logo após, ocorre o surgimento de novos modelos e elementos, tais como: aliança, amor romântico, fusão e mais recente com a “família (des)associação”, simbolizada pelo individualismo sobre os ‘nós’ conjugais.

O termo “relações afetivas” ganha crescente relevância. O (bem)dito afeto tornou-se ingrediente cada vez mais utilizado nas regas das relações interpessoais, se distinguindo de aspectos genealógicos e econômicos, antes tidos como essenciais para institucionalizar relações conjugais.

O campus da psicologia, por exemplo, acredita que a afetividade é a capacidade individual de experimentar dos mais diversos fenômenos afetivos: sentimentos e emoções (MATTEI, 2017).

Críticas e classificações em relação ao afeto já existem, a exemplo da feita por Chaumier (1999), ao relacionar a fusão afetiva (consequência da conjugalidade) com o amor romântico. Enquanto em outro plano, estaria à fissão (des)afetiva com o desenvolvimento das autonomias individuais, apresentando um ‘amor confluyente’<sup>7</sup>, como caracterizado por Giddens (1993).

Aboim (2006) suscita o termo “fusão-autonomia” para apresentar polos característicos presentes na conjugalidade, e então analisar suas mutações. Enquanto a fusão dá prioridade ao “nós”: nossos recursos, tempos, espaços e identidades; a autonomia faz emergir o “eu”, preservando diferenças de cada

---

<sup>7</sup> Sobre essa orientação amorosa e outras representadas socialmente por intermédio de relacionamentos interpessoais, falaremos mais posteriormente.

indivíduo. Mas entre esses polos, muitas coisas são possíveis de acontecer e de se (des)conjugar.

Calma, não é objetivo desta pesquisa (nem caberia) remontar à classificação evolutiva histórica da vida familiar e/ou conjugal milimetricamente, embora não desmereçamos a abordagem historiográfica, de certo modo importante para este trabalho, auxiliando nas análises de novas performances, dinâmicas de relacionamentos e como se articulam com o sistema monogâmico (e vice-versa).

### 1.1 Li e concordo com os termos de uso?

Moralidade hegemônica e seus poderes. Ela grita com suas programações para serem seguidas e reproduzidas. Apresenta-se desde uma maneira mansa até outras mais violentas. Coloca-nos em fila para esperarmos ser atendidos e pré-estabelecidos. Manipula, legaliza e (des)classifica.

Realmente lemos e concordamos com os termos de uso? Moldamo-nos com as hegemonias e suas hierarquias, através de técnicas de dominação e (des)vinculação. Comunicamo-nos também por suas tecnologias.

Assim, as programações hegemônicas persistem, mesmo diante da diversidade de modelos de famílias observados na atualidade. Relacionamentos e amores também são afetados. Normas e regras não deixaram de existir, criam-se incessantes processos de normatização, simbolização e idealizações sobre relacionamentos, desde a esfera mais íntima, compreendida também como política e cultural (MISKOLCI, 2017).

Quais entradas e suas saídas? O que é positivo não se negativa? O que é negativo não se positiva?

A hegemonia monogâmica se projeta sobre pulsões sem/com direções, instituindo normas e leis, legalidades e proibições. Ocorrem interdições recorrendo-se a classificações de 'desvios', 'crimes' e 'patologias'. E o que acontece com a não identificação dos sujeitos sociais em relação aos modelos hegemônicos de comportamentos? Eu escolhi ou escolheram pra mim me relacionar dessa ou daquela maneira?

Miskolci (2017), analisando os regimes hegemônicos de relações sexuais/afetivas, desde o século XX, percebeu e se interessou pela fabricação de

desejos homoafetivos reprimidos e desconfigurados, através de expressões indiretas, dribles de códigos morais e desidentificações.

Reconstruindo para esta pesquisa: nas relações e dinâmicas poliamoristas, quais potências de (não) interferência da hegemonia monogâmica sobre esses relacionamentos?

A própria utilização do termo “relações não monogâmicas” (RNM) para se referir aos relacionamentos poliamoristas, que se desassociam (entre 0% a 100%) do sistema monogâmico, remete à incompletude e não capacidade originária das relações poli, marcando a visibilidade de rastros, interdependências e poderes dos regimes hegemônicos enraizados com(o) sistemas sobre as alternativas de relacionamentos amorosos-sexuais-afetivos (VASALLO, 2018). Observando-se na expressão RNM o que se encontra na identificação de alguém como ateu, que contém a negação de algo supostamente verdadeiro.

A hegemonia do modelo monogâmico se estabeleceu historicamente em nossa sociedade, se atualizando e nos afetando, não necessitando ser/estar como um aparato externo. Está mais próxima do que sincera, precedendo nosso nascimento, o que favorece sua percepção como “natural”.

Fazendo pontes psicanalíticas com Amorim e Reis (2020), a hegemonia do modelo monogâmico de relações amorosas-afetivas-sexuais é possível graças a um caractere da espécie humana: o de buscar resistência e ‘segurança identitária’. Traços dos arranjos monogâmicos seriam transmitidos desde o estado de “órgão” do indivíduo em gestação, através de mensagens enigmáticas e sensíveis: toques, cheiros, gostos, desejos. Mesmo que de forma inconsciente. Repetidamente. Refletindo processos de identidades para se encontrar em identificação, mesmo com espelhos e satisfações alheias. Tornando inteligível a conexão e identificação entre o interior (sujeito) com o que lhe espera no exterior (objeto).

Essa é uma percepção na qual se evidencia o ‘carregamento’ histórico-cultural monogâmico, auxiliando na sua produção, execução e naturalização. Simultaneamente, o psiquismo dos sujeitos também é afetado. Automatizando corpos, gozos, medos, desejos. Acionem os sentidos aos contratos e pré-requisitos tácitos. Existem licenças e sobrevivem autonomias?

Ser publicamente heterossexual monogâmico ainda é uma espécie de identificação imperativa. Enfrentar essas programações regulatórias presentes no ser e em suas relações interpessoais geralmente tem custos sociais. Libertar-se de uma

antiga paixão, aquela pela normalidade, toca em dores e feridas do corpo social (MISKOLCI, 2017).

Alerta: esse sistema está suscetível à viralização de identidades inter-relacionais (antes inimagináveis), obrigando sociedades e (suas) ciências a se atualizarem. Diante disso, esta leitura é um campo interpretativo aberto aos desgastes do tempo e novos carregamentos.

## 1.2 (Des)controles, corpos & sexualidades

*Um dia  
Vivi a ilusão que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino tudo me daria  
Do que eu quisesse ter  
Que nada  
Minha porção, mulher, que até então se resguardara...  
(Super-Homem, Gilberto Gil)*

Nem tudo precisa ser-estar como dicotomias e oposições. Mas cabe questionar: quais regulações e representações se encontram (in)disponíveis sobre relações amorosas, afetivas e sexuais para os atores sociais? Vale também refletir sobre o que se esconde além dos tecidos e cores impostos em nossos corpos e “chá revelação”.

Conforme Bozon (2004), e sem a necessidade de dissociação/exclusão de uma possível “natureza” com crenças em instintos sexuais no sentido animal selvagem e de uma “programação biológica”, toda cultura produz elaborações e construções sociais sobre sexualidades humanas.

Os humanos se constroem como produtores-consumidores de sentidos, sendo a construção social das sexualidades humanas efeitos de atividades mentais e corporais, nas águas dos diferentes contextos culturais.

Podemos ainda refletir com Bozon (*idem*) que as construções sociais das sexualidades são políticas, estruturando-se em termos de operacionalidade e ordenação das interações interpessoais: constroem-se sexos, gêneros, posições e proibições. Como nossos corpos devem gozar!

O conceito de “biopoder”, proposto por Foucault (2010), engloba além dos mecanismos biológicos. Focaliza o controle-governo dos corpos através de seu adestramento, docilização, disciplina. Incidindo as relações de forças sociais sobre as corporalidades e subjetividades de modo a permitir o (in)devido funcionamento social.

A sexualidade torna-se uma intersecção dos dois polos em que se exercem o biopoder: o da anátomo-política do corpo, com uma atuação do poder individualizante; além do controle da população, exercendo-se sobre coletividades quantificadas.

Pela operacionalidade do biopoder, o dispositivo da sexualidade “tornou-se a chave da individualidade, sendo ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível constituí-la” (FOUCAULT, 2010, p. 159).

O poder disciplinar, segundo Foucault (*idem*) reparte espaços, ordena os indivíduos, treina-os e os submete a vigilâncias. Os corpos seriam como máquinas desejanças dominadas pelo superego social: queridos, quando obedientes; punidos quando divergentes.

Toda sociedade educa os sujeitos/corpos em diferentes níveis, objetivando a normalização e padronização (LOURO, 2010). Na nossa sociedade, por exemplo, noções sobre sexo e gênero convergiram para identidades sexuais fixas, binarismo e intransitividade, estabelecendo os limites/fronteiras entre *macho/fêmea*, *masculino/feminino*, *homo/heteroafetivos*, *passivo/ativo*. Estão essas classificações ainda bem estabelecidas nos *Cistemas*:

Compreendo gênero não como o que alguém é ou tem, mas o que alguém é levado – por normas e convenções sociais – a performatizar, conclui-se que gênero é uma construção cultural e histórica cuja contingência tende a ser apagada pelas relações de poder que buscam fixá-lo subalternizando alguns em benefício de outros. (MISKOLCI, 2017, p. 199)

Mas ao longo das temporalidades e espacialidades humanas, essas bipolaridades vêm sendo tensionadas e modificadas. Alternativas não param de transcendê-las, a exemplo da transexualidade, bissexualidade, assexualidade, pansexualidade, dentre outras alternativas não binárias. E mais: existem (des)controles sobre as sexualidades.

A revolução sexual, a partir da década de 1960, foi um marco histórico importante para transformações nas sexualidades e no comportamento sexual dos indivíduos, além de gerar estímulos para novos estudos refletirem sobre a temática sexual e suas diversidades. Ainda vivemos suas consequências, pois se trata de uma revolução inconclusa e incompleta (MISKOLCI, 2017).

Movimentos nomeados como “contraculturais”, surgidos nos Estados Unidos a partir da segunda metade do século XX, se manifestaram através de discursos como: “*Peace and Love*” (Paz e Amor) e “*Make Love, Not War*” (Faça Amor, Não Guerra),

propondo novas maneiras de agir, pensar, desejar e sentir (FREIRE e GOUVEIA, 2018).

Dentre esses movimentos se encontravam os *hippies* e o *rock*, porta-vozes das inquietações das sociedades ocidentais, estabelecendo a tríade “sexo, drogas e rock’nroll” (FREIRE e GOUVEIA, 2018). No campo da moda surge simbolicamente a minissaia como expressão da liberdade corporal emergente e o estilo unissex (CAMPOS, 2006).

A inovação do anticoncepcional (conhecido também por “balinha mágica”) foi um marco histórico importante para a sexualidade, pois a partir desse momento o sexo começa a ser vivenciado não apenas com fins de reprodução, mas também como fonte de prazer (STEARNS, 2010).

Giddens (1993) discute as transformações que a sexualidade liberada das preocupações com a gravidez causou sobre a intimidade, denominando de “sexualidade plástica” a desvinculação da sexualidade em relação à reprodução, tornando-a mais autônoma em relações aos padrões tradicionais e diversas.

As relações de parentesco mudam de *status* nas sociedades modernas, conforme aponta Giddens (*idem*). Diante divórcios e separações, núcleos se expandem. Ocorrem parcelamentos de tempos entre relacionamentos e vida pessoal, renegociações de confiança e compromisso entre os membros-familiares. Ativam-se novas éticas relacionais na vida cotidiana.

Relacionar-se com a(s) família(s) torna-se mais complexo, pois novas alternativas surgem, e com elas novos estilos de vida. Variadas formas de relacionamentos não tradicionais florescem e estão ganhando reconhecimento: famílias monoparentais (um/a único/a progenitor/a e o/a filho/a), família com padrasto/madrasta, uniões informais e estáveis, relacionamentos com integrante(s) LGBTQIAPN+, casamentos abertos e relacionamentos múltiplos são alguns exemplos (RUBIN, 2001).

O (in)consciente social e cultural atua sobre nossos corpos e atividades sexuais, ativando continuamente sistemas variados de regulamentação. Mesmo assim, os limites das sexualidades são incertos e diversos. E seus significados também. Enquanto isso, vamos nos tocando e nos (des)conhecendo mais.

### 1.3 Ninguém é de ninguém?

*O coração consentiu  
A mão do mundo abraçou  
Suave nos envolveu nesse véu  
De incontrolável querer  
Os olhos se deram sinal  
No ato é fato, eu fui todo seu  
(Seu gosto, Dani Black)*

Estamos acostumados com posse, poder, querer, expectativas mútuas e relacionamentos amorosos. Possuímos e somos possuídos. Nomes, corpos, sistemas, direitos, dinheiro, relacionamentos, desejos. Usamos, abusamos e transformamos. Estimulamos, reproduzimos, mas também desafiamos.

Ciúmes, fidelidade e exclusividade: como os interpretamos? Realmente existem ou apenas idealizamos? Mas provável que atuamos diante uma simbiose entre o real e ideal. A vida e a arte. O ovo e a galinha. Nascimento e morte. Através de caminhos, limites e (des)sossegos.

Conforme exploração histórica sobre a organização da sociedade, desde a Grécia Antiga, já existiam relacionamentos com teores além do monogâmico. Relações sexuais entre mais de duas pessoas ocorriam 'livremente' sem a necessidade de colagem amorosa-afetiva. Mais tarde em Roma, com a influência do Cristianismo, surge um novo costume: o compromisso de fidelidade entre os agentes da relação monogâmica chancelada pelo matrimônio religioso, e mais adiante, pelo casamento civil (MATTEI, 2017).

Vasallo (2018) apresenta a exclusividade sexual como uma construção social que implica em compromissos simbólicos entre os indivíduos que se relacionam e está socialmente positivada através de inúmeros mecanismos. A autora também questiona como garantir algo tão estranho quanto a exclusividade sexual?

É preciso gerar uma espécie de terror social constante e uma espécie de drama contínuo nas relações interpessoais com intervenção de medos e penalidades que disciplinam nossos corpos e desejos (VASALLO, 2018).

A 'fidelidade', definida em termos de manutenção dos limites das relações interpessoais no âmbito de díades de indivíduos é produzida como um espaço de segurança (inclusive contra nós mesmos), propondo-se como um modo de afastar riscos (pois existem todos) e de proteção à integridade e continuidade das relações amorosas-afetivas-sexuais, as quais se transmutam constantemente.

A *co-dependência* é uma característica apresentada por Giddens (1993) como algo limitante e controlador, incidindo sobre o nível de desenvoltura das relações íntimas e das independências emocionais. O indivíduo codependente reproduz inseguranças, carências e se distancia da autoconfiança. Fica dependente da dependência, não só da conjugalidade, mas retraindo também a personalidade individual, despertando a necessidade de aprovações alheias.

Giddens (*idem*) ainda relata sobre a propensão a “falsas identidades” serem construídas, pois estaríamos submergindo “autoidentidades” no outro. As tentativas de renunciar controles e obsessões em relação ao outro/à outra, são ainda mais dificultadas quando fontes externas se instalam e nos manipulam.

O casamento monogâmico, por exemplo, é oferecido como um sonho de consumo e ideal de estilo de vida, adequando e estruturando relacionamentos. Ele é definido como uma instituição capaz de reunir conjunto de obrigações e satisfações em diversas áreas: amorosa, afetiva, sexual, econômica, jurídica e social, ao mesmo tempo em que estimula disputas e controles (SILVÉRIO, 2018).

A monogamia, a ‘fidelidade’ e o controle em termos de padrões hegemônicos de gênero também se associam, estimulando a disputa e proporcionando a expectativa de segurança do patrimônio: “a fidelidade feminina sempre foi uma obsessão para o homem. É preciso proteger a herança e garantir a legitimidade dos filhos. Isso torna a esposa sempre suspeita, uma adversária que requer vigilância absoluta” (LINS, 2017, p. 40).

Existem dificuldades em dizer ao parceir@ que ocorreu uma relação (amorosa, afetivo e/ou sexual) com outra(s) pessoa(s)? Seria mais interessante omitir relações extraconjugais? São casos e acasos.

Sobre infidelidade, parece estar ganhando força entre terapeutas, psicólogos e conselheiros matrimoniais o discurso de que não precisa ser considerado um problema se a pessoa estiver feliz e satisfeita com o(s) relacionamento(s) (SILVÉRIO, 2018).

Os níveis de satisfação dos indivíduos participantes de relacionamentos monogâmicos têm sido relacionados com os mecanismos de manutenção das investidas secretas para fora das relações instituídas. Segundo Simmel e Muller (1996), o “segredo” perpassa as interações em todas as esferas da vida pública e privada, sendo suas dinâmicas importantes para a manutenção da harmonia da conjugalidade exclusivista. Os segredos também funcionam como válvulas de escape,

liberando os indivíduos em seus relacionamentos, possibilidades de se reservar e manter um núcleo de vida autônoma.

Simmel e Müller (*idem*) destacam que ninguém pode conhecer outras pessoas de maneira absoluta (talvez nem a si mesmo). Para isso ser possível seria necessário o conhecimento de cada pensamento e sentimento. Algumas das perguntas que surgem em relação a essa possibilidade seriam: e se a transparência total recíproca fosse uma alternativa, como as relações se modificariam? Elas se sustentariam?

Pensando a impossibilidade de se conhecer e as outras pessoas, a confiança torna-se uma hipótese intermediária entre o conhecer e não conhecer a existência do outro. A posse de todo o conhecimento do outro tornaria inútil à confiança. Essa se torna necessária na medida em que cada indivíduo administra o que dará de si ao conhecimento dos outros e o que manterá em segredo.

O sistema monogâmico apresenta a valorização da confiança entre os indivíduos em relações afetivas-sexuais. A idealização presente no modelo do 'amor romântico' propõe uma unidade absoluta nas relações amorosas, hipertrofiando a necessidade da confiança e da intimidade completa entre os que se relacionam, o que pressupõe estruturas de posse entre os que compõem as díades (SIMMEL, MÜLLER, 1996).

O modelo do amor romântico propõe que os participantes de díades amorosas-afetivas-sexuais se entreguem sem reservas, desaparecendo um(a) no(a) outro(a). A fantasia da entrega absoluta, no referido modelo, se relaciona com o conjunto de deveres dos dois envolvidos nas relações interpessoais.

Seguindo as dimensões do secreto e íntimo individual, manter relações amorosas, afetivas e sexuais com outras pessoas seria um assunto que não necessita ser contado ao parceir@, pois eliminaria a privacidade, transformando a relação em confessional, criando pecados e arrependimentos:

Sentir tesão por alguém que não seja o parceiro fixo, todos sentem. Se alguém vai ou não viver uma experiência sexual com outras pessoas, fora da díade estabelecida depende da visão que cada um tem do amor e do sexo. No entanto, contar ao parceiro que tem atração por outro é eliminar totalmente a privacidade e transformar uma relação amorosa em confessional [...] (LINS, 2001, *apud* PILÃO, 2018, p. 33).

Lins (*apud* PILÃO, 2018) ainda critica a exclusividade e fidelidade, questionando o porquê da importância dessas características como principais aliadas

para um relacionamento saudável, silenciando repressões sexuais existentes nos relacionamentos.

A exclusividade pode funcionar como um artifício para evitar ciúmes, sendo socialmente construído como um indicador de ‘compromisso’ e do ‘amor’ (ZIEGLER *et al.*, 2014). Assim, muitas vezes são ofertadas apenas duas opções (tidas como antagônicas): monogamia ou infidelidade.

Nas relações monogâmicas, o ciúme seria como que uma resposta “natural” às ameaças nas relações, tornando qualquer envolvimento fora delas um risco a ser combatido (RITCHIE & BARKER, 2006). Além de serem considerados também como consequências da insegurança e dependência (física, econômica e emocional), relacionando com sentimentos de posse e exclusividade, ensinados culturalmente no que se refere às relações interpessoais (O’NEILL; O’NEILL, 1984).

Por outro lado, existem percepções do ciúme como algo saudável, podendo inclusive auxiliar no desenvolvimento e aproximação dos indivíduos em seus relacionamentos através da abertura para diálogos e compreender os incômodos das relações (RUBEL & BOGAERT, 2015).

O que nos impossibilitam em transformar sentimentos classificados como negativos, fontes de receio, medo e insegurança em sentimentos fontes de prazer, ânimo e excitação?

Controles das sexualidades e dos desejos são exercidos em diversos modelos de relações amorosas-afetivas-sexuais. Na monogamia isso também se observa, ativando fronteiras, limites visíveis e invisíveis, coreografias do querer, poder, dever, fazer ou não fazer. Os regulamentos da vida monogâmica exploram possíveis censuras e mandamentos, a exemplo dos imperativos de busca da ‘alma gêmea’, a ‘metade da laranja’ e completude diádica.

Modelos alternativos de relacionamentos tendem a interpretar os ciúmes como emoções a serem reconhecidas e trabalhadas no contexto de cada relação (FIERMAN; POULSEN, 2011); a ideia de liberdade, abertura e fechamento das relações, fidelidade/infidelidade, amores e (des)acordos, dentre outros, bem como a “compersão”, serão focalizados no próximo capítulo, onde são sensibilizados pelos processos de identidades e relações poliamoristas.



**Fig. 2:** “homem beijando alguém que não está lá”, Susano Correia (2022)

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

#### 1.4 Até que a morte nos separe...

*Se sou o relacionamento mais longo  
da minha vida  
será que não é hora de encontrar intimidade  
e amor com a pessoa  
com quem durmo toda noite  
(Aceitação, Rupi Kaur)*

Nas sociedades contemporâneas, a individualidade cada vez mais ganha importância, inclusive sendo interpretada como ameaça às relações conjugais. Os monólogos questionam cenas e arquétipos:

Observa-se em muitas sociedades a hipertrofia da narrativa ou da representação da necessidade de alianças duradouras nas relações interpessoais, nas quais seriam vividas as possibilidades de abandonar a si mesmo na vida conjugal (VASALLO, 2018).

Os sistemas de lealdade interpessoais criaram cenas de fusão e associação ao amor, tentando afastar a possibilidade de se viver sozinho e esquecimento do amor-próprio. Constrói-se a ideia do “eu solitário” associado à pequenez, insuficiência e vulnerabilidade.

Nas experiências de fusão amorosa também há possibilidades de fissões, gerando outros e mais outros arranjos de relações capazes de estimular intimidades, independências e realizações do eu (ABOIM, 2006).

Discute-se a necessidade de preservar parcelas de particularidade/privacidade, o que protegeria a diluição das subjetividades dos envolvidos, com o objetivo de produzir relações potencializadoras de maximização simultânea de intimidade e conjugalidade, eventualmente mais saborosas do que as baseadas no fechamento diádico.

O amor e prazer ganham várias semânticas nas conjugalidades diádicas, e podem ser encontrados dentro e fora delas: “Ter tempo para o casal, alimentando a intimidade conjugal, uma sexualidade gratificante e uma comunicação intensa, é tão importante como preservar a autonomia pessoal” (ABOIM, 2006, p. 822).

Os anos de 1960 é reconhecido no ocidente como um marco histórico da “fluidificação”<sup>8</sup> da rigidez dos princípios, padrões e modelos sociais, emergindo novos modelos de relacionamentos afetivos-amorosos-sexuais. O indivíduo potencializa a

---

<sup>8</sup> O termo “fluidificação” está relacionando com a perspectiva teórica de Bauman (2004) sobre “Modernidade Líquida”.

unidade de transformação social, estremecendo estruturas sociopolíticas e atuando para a desintegração do mundo social (SILVÉRIO, 2018).

Estas 'realidades', vistas inclusive como riscos e contradições sociais produzidas, passam a ser analisadas a partir de interesses e níveis cada vez mais individualizados, utilizando-se a análise biográfica para a compreensão das contradições sistêmicas (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002).

Como atores plurais, mudamos de nome, endereço, apegos, filiações, sistemas de lealdades e colocamos em curso contínuas estratégias de negociações com as normatividades sociais. Questionamos nossas configurações e buscamos linhas de fuga e alternativas heterodoxas, como seres interminados que somos.

Ao longo de nossas trajetórias fazemos transições identitárias e experienciamos a tarefa da autorresponsabilização e seus efeitos colaterais (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002).

Na contemporaneidade se hipertrofiaram movimentos de busca e valorização da individualidade, bem como se amplia a paleta de possibilidades de modelos de sexualidade, gênero e de relações interpessoais.

Isso tem se refletido na diversificação das formas de famílias, atingindo e liberando constantes reconfigurações do tradicionalismo. Crescentemente os indivíduos distinguem a liberdade individual e as gratificações amorosas de uma vida a dois, constituindo modelos de casamentos e famílias diversas, bem como estilos de amores e sentimentos.

Singly (2000) compreende que os indivíduos querem ser livres em conjunto (ser com os outros), como também possuir uma vida pessoal autônoma (ser a sós). O autor utiliza o termo "dupla vida", para representar essa comunicação entre a conjugalidade e individualidade.

O investimento e ascensão dos discursos sobre definições das sexualidades individuais transcendem poderes em oposição, possibilitando diálogos e comunicações entre as diferenças. Sennet e Foucault (1981) tematizam a relação entre sexualidade e solidão, propondo-as como instrumentos de ativação da busca por compreensão intrassubjetiva e intersubjetiva. Segundo eles,

As primeiras investigações modernas sobre sexualidade acreditavam que estavam abrindo a terrível caixa de Pandora, de luxúria incontida, perversão e destrutividade na procura dos desejos sexuais das

peças sozinhas, sem as restrições 'civilizadoras' da sociedade. (SENNET e FOUCAULT, 1981, p. 2)

A análise das sexualidades individuais já foi (e ainda é) associada a *problemas* e *desvios*. Afinal, qual o perigo de um ser humano sozinho com seus mistérios e prazeres? Qual a sua capacidade de produzir felicidades e estragos?

Os dispositivos de controle das sexualidades ganham importância crescente na modernidade, transformando-se em fontes de exigências, poderes e deveres. Em tempos de fragmentação, diluição e fluidez identitárias<sup>9</sup>: os eus que lutem.

### 1.5 Maçã dos desejos

*Quando eu te escolhi para morar junto de mim  
Eu quis ser tua alma, ser teu corpo, tudo enfim  
Mas compreendi que além de dois existem mais...  
(A Maçã, Raul Seixas)*

Estimulamos e somos estimulados aos desejos e suas desorientações. Somos sentidos e linguagens: você se sente? Pode o sentimento ser parâmetro da verdade? E se não se sente, existe verdade?

Atribuímos formas, fórmulas, teorias, sentidos infinitamente variados aos desejos. Adivinhem (já adivinhando): os desejos se tornam produtos e processos de sistemas socioculturais, a exemplo da monogamia. Você deseja ser, estar, quando, quantos, como? Queremos, possuímos, somos possuídos? Temos e não temos. Multiplicam-se exercícios de gestão emocional, terapias e se amplia o campo da socioantropologia dos sentimentos, das emoções: queremos entender como sentimos e como não sentimos. Como se regulam e instituem o sermos controlados e descontrolados?

O desejo e suas expressões não vêm de dentro de um sujeito dado, desligado das redes socioculturais em que ele é tecido, tampouco é completamente imposto por algum aparato externo a ele. "O desejo é um eixo articulador entre o sujeito e a sociedade sendo moldado na interação social" (MISKOLCI, 2017, p. 19).

Assim, os desejos e modelos de relações interpessoais nos quais eles se expressam, constituem fenômenos passíveis de compreensão a partir do olhar socioantropológico, sendo ponto de partida dessa tarefa a sua (des)naturalização e a

---

<sup>9</sup> Ver Bauman (2004); Hall (2008).

analítica das linhas e relações de poder e forças, inscritas na sociedade e na cultura. Corpos sensíveis e treinados para a regulação coletiva dos desejos.

Coreografias, *scripts*, configurações, softwares e aplicativos moldam performances de sujeitos desejantes e relações entre maquinarias de libido, (des)estabelecendo regimes hegemônicos e subalternos de desejos. Reconhecer a fluidez dos desejos que circulam entre forças conformadoras e autonomizantes, pode ser útil tanto ao controle social, quanto auxiliar aos impulsos e aspirações de reconhecimento de identidades e modos de desejar divergentes (MISKOLCI, 2017).

A biopolítica da libido regulamenta os desejos, classificando os que serão vividos como “desvios/perversões”, os que serão socialmente legitimados, estabelecendo modos de vivê-los e de os realizarem socialmente definidos como “adequados” e “inadequados”.

Na sociedade brasileira, assimilamos a definição da monogamia, por exemplo, como comportamento hegemônico, “normal”, jogando para o campo do anormal e até do proibido as relações que estranham e se distinguem desse modelo.

Freud (1996[1913]) explica que a existência pulsional dos desejos suscita o interesse sociocultural de recalque-proibição sobre eles. Considerando os desejos e proibições como frutos do meio onde nascem influenciados pelo fator cultural, assumem também a existência pulsional de satisfação: esteja na monogamia ou não. Assim, a norma aponta para a ruptura dela mesma (AMORIM & REIS, 2020).

Sennet e Foucault (1981) situam um termo interessante para esta nossa conversa: o “desejo irrestrito”. Imagine que os desejos sexuais fossem carros e devessem estar postos em pistas com limites e controles. Os desejos também são (des)qualificados como fantasias, imaginações e com obstáculos em seus caminhos. Há tendências em estabelecer dicotomias e antagonismos sobre o desejo irrestrito: imaginação *versus* ordem social; prazer *versus* perigo. Manipula-se a segurança ditando o cuidado com os desejos.

Medos e amarras pesam sobre eles: a expressão sexual deve ser reprimida, sendo vista como fonte de perigo para uma ordem social rígida, afinal: “[...] o corpo está no caminho para a loucura e a alma no caminho da perdição” (SENNET e FOUCAULT, 1981, p. 10).

Como vemos na citação, a corporalidade desejante é compreendida através de percepções médicas e religiosas, sendo o caráter moral herdado persistente e

presente em muitas das economias da libido em sociedades/culturas contemporâneas.

O desejo não possui objeto fixo e seu direcionamento é circunstancial. Sua disponibilidade não significa estar acessível. Exemplo de análises dos relacionamentos homoafetivos feita por Miskolci (2017, p. 30): “É possível afirmar que o desejo por pessoas do mesmo sexo é disponível a todos, mas frequentemente coibido e tornado até ininteligível por meios educacionais, políticos e culturais os mais variados”.

Sentimentos e emoções não são apenas processos fisiológicos com segredos guardados nos corpos. Nem estados absolutos. São mistérios que se transferem, interligam ou se diferenciam entre indivíduos e grupos (LE BRETON, 2009). Com a socioantropologia das emoções e comportamentos, buscamos compreender as dinâmicas sociais de regulamentação dos desejos, os modos pelos quais eles nos atravessam. Cheios de nós.

## 1.6 ReconFig.ndo formas e hierarquias

*Eu vou andando pelo mundo como posso  
E me refaço em cada passo dado  
Eu faço o que devo, e acho  
Não me encaixo em nada...  
(Acalanto, Luedji Luna)*

Construímos formas e hierarquias. Nomes. Sabores. Sistemas. Sentimentos. Desejos. (Des)afetos. E milhões de outras coisas. Enquadramos sob perspectivas e (des)ilusões.

O próprio recorte de apenas uma escolha e tipo de relacionamento para essa pesquisa me incomodava. Mas disso consegui me desfazer. A forma inicial de poliamor com a qual eu trabalhava no início da pesquisa não existe mais. Nem de monogamia, de casamento ou sei lá do quê. As formas se trans(formam). Hierarquias também. Aliás, nós nos transformamos. Somos seres mutáveis.

Esta dissertação não é apenas sobre quais relacionamentos ou como as pessoas se relacionam, mas também sobre o que eles conseguem cocriar nas redes sociais e nos espaços das individualidades. Queremos ver quais as (in)capacidades e processos de relações interpessoais estão se desenvolvendo em comunicação com a digitalidade. Que perfume exalam, como (des)agradam?

### 1.6.1 (Des) + Naturalização das coisas = Cocriações

O que significa “natural”? “Natural significa que a maioria dos animais o faz? A maioria dos mamíferos? A maioria das sociedades humanas? Onde colocamos o natural e por quê?” (VASALLO, 2018).

Transpirando esses questionamentos, continuemos: “poliamor ser natural ou não?” surge como se a busca por uma resposta fosse solucionar algum problema a ser tratado. Ainda refletindo: “em que condições o ser humano inventou para si os juízos de valor ‘bom’ e ‘mau’?” (NIETZSCHE, 1998, p. 9).

Existe a tendência em confeccionarmos o natural como legal, positivo e aceitável, esquecendo que ele pode ser também: imperfeito, cruel e indiferente. E a possibilidade de ir além dos parâmetros de “bom *versus* mau”? (PILÃO, 2018).

Silvério revela distinções entre cultura e natureza humana, interessantes para o caráter antropológico e sociológico desta pesquisa:

[...] a natureza impõe uma aliança entre os indivíduos, mas não determina como ela deve ocorrer. A cultura, por sua vez, define as regras e desempenha seu papel primordial: garantir a existência do grupo como grupo. (SILVÉRIO, 2018, p. 18)

Essa autora ainda critica a restrita associação à natureza dos aspectos humanos como gênero e sexualidade, a qual se torna uma estratégia discursiva para alegar que nada poderá ser feito para alterá-los e os mobilizar de modos não tradicional.

Nessa mesma frequência, Goodman (1973) desde o século passado anunciava que a cultura e natureza humana não são as mesmas coisas, apesar de que constantemente podem estar se comunicando. Afirma ainda que essa natureza está suscetível a alienações.

Goodman (*idem*) também argumenta que a censura destinada a proibir e punir atividades que fogem do sistema tradicional (fundado em tabus religiosos e cujo objetivo é alcançar a ‘ordem social’) inibe a livre sexualidade dos sujeitos, suscitando sentimento de culpa sobre algo que a sociedade instituiu como pecaminoso. Mas a censura não gera apenas os efeitos esperados, podendo incentivar e empoderar a “ameaça” a ser combatida.

Então se estamos falando de características humanas, mesmo que seja sobre uma “natureza social” das coisas, significa que os humanos são capazes de construir,

desconstruir e cocriar novos caminhos. Goodman suscita o “ajustamento criativo” como capacidade em buscar sempre uma nova alternativa ao que foi imposto socialmente (PERLS; HEFERLINE; GOODMAN, 1997).

Não precisamos ter sempre o intuito de concordar com as coisas - potencializando a permissão/legalização - mas analisar os fenômenos humanos socioculturais como a ‘natureza humana’ pode funcionar enquanto estratégia de defesa, protegendo padrões sociais e culturalmente hegemônicos defasados.

Aqui partimos de questionamentos sobre afeto, amor e monogamia, compreendendo-os como disposições humanas, e, portanto, como constructos socioculturais. Conforme Therborn (2004), a família é uma instituição importante para a ordem social desejada, utilizando o sistema do casamento em suas configurações tradicionais como instrumento de controle, de produção e reprodução da ordem social.

Zonabend (1996) defende a inexistência de razão natural ou biológica necessária para a instituição familiar tradicional, para os laços de parentesco, de afetividade ou qualquer obrigação de uma relação sexual estável entre pessoas.

Assim como na natureza se encontram as dinâmicas de transformação, a família, o casamento e todas as relações são fenômenos que não podem ser considerados como imutáveis e acabados. A construção social está presente, estabelecendo e regendo regras de acordo com as condições: socioculturais, econômicas, religiosas, políticas, ambientais. Além dos interesses pessoais dos envolvidos (SEGALEN, 1999).

Nenhum campo particular de conhecimento consegue fechar as possibilidades de entendimento e manipular por completo o comportamento humano. Silvério (2018) reafirma a função da cultura na construção, atribuição e estabelecimento, bem como o desestabelecimento de significados, valores e normas. Princípios, instituições, sistemas, sentimentos e comportamentos não são imutáveis, transformando-se ao longo das sociedades.

Legitimar exclusivamente o caráter ‘natural humano’ é reduzir o campo de possibilidades compreensivas e de abordagens dos fenômenos humanos. A crença em fórmulas naturais ideais de como se viver, possibilita esconderijos para controles compulsivos. Escondendo, inclusive, aspectos caóticos da natureza. Nascem vidas a partir das ‘naturezas’ escondidas.

[...] Em suma, é a sociedade, porque se esquecida do arquétipo social, que está inadaptada, não o homem. Logo, aconselha Goodman, em vez de procurar adaptar os jovens a todo o custo, inclusive pela força, melhor seria produzir modificações na nossa sociedade e na nossa cultura, a fim de satisfazer os apetites e as capacidades de algum modo expressas. (VINCENT, 1978, p.140)

É no campo dos novos apetites e capacidades-potencialidades amorosas-afetivas-sexuais que se inscrevem as relações poliamoristas, objeto da presente pesquisa. Silvério (2018) considera a hipertrofia do processo de individualização (humana e social) como fonte fundante da crescente visibilização dessas relações, muitas vezes apresentadas como ‘estranhas’, na sociedade brasileira.

Valores, princípios, paradigmas, identidades, papéis de gênero e instituições tradicionais se transformam. Cada vez mais modelos heterogêneos de relacionamentos nas diferentes esferas, texturas e classes sociais são estimulados e socialmente disponibilizados.



**Fig. 3:** “Homem germinando, depois de quebrar a cara”, Susano Correia (2021)

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

## 2 POLIAMORES EM *DOWNLOAD*

Lembre-se: no mundo sociocultural não existem receitas instantâneas e fórmulas invariáveis. Transformações sociais e até mesmo padrões de relacionamentos amorosos-afetivos-sexuais não acontecem sincronicamente. A permanência e as mudanças nunca cessam nas sociedades e culturas. As transformações acontecem, afetando sistemas sociais de diferentes (des)formas. A existência é devir contínuo e espera.

A instalação monogâmica é insistente e atualizá-la requer inúmeros movimentos em diferentes áreas, desde a intimidade dos indivíduos e nos demais campos sociais: saúde, educação, segurança, arquitetura, justiça, entre outros, os quais estão conFig.dos conforme o modelo/estilo monogâmico de relações amorosas-afetivas-sexuais.

Não se identificar com a monogamia auxilia aos diversos questionamentos postos nesta pesquisa. Isso não significa a necessidade de associação ou identificação com o poliamor. Ao mesmo tempo penso que o poliamor não é (nem precisa ser) a solução para as problemáticas monogâmicas. Não são extremos, mas sistemas em transformações. Defender algo em detrimento de outra coisa por quais razões?

Construir e vivenciar múltiplos afetos, tendo parceir@s simultâneos e consensuais como proposto no poliamor é em si mesmo fazer emergir um conjunto de outras questões socioculturais: amorosas, afetivas e sexuais, sendo o programa poliamorístico um modo alternativo de exercício bio-político.

A pluralidade dos sistemas de relações interpessoais por si só não nega ou desinstala nenhuma das outras programações. O que se pretende aqui é construir reflexões e uma analítica crítico-descritiva do funcionamento dos diversos modelos de relacionamentos que existem como possibilidades no espaço sociocultural considerado. As coisas existem e podemos ter críticas sobre elas sem que isso afete suas existências socioculturais. Elas são correntes que resistem e se transmutam.

Lins (*apud* PILÃO, 2018) argumenta que camadas do moralismo socialmente construídas apresentam maiores ou menores dificuldades para que as pessoas inovem nas configurações dos seus relacionamentos interpessoais.

As dificuldades estão relacionadas com sistemas dominantes de moral: produtos históricos, soma de costumes e interesses, norteados “verdades”, moldes e

estereótipos (NIETZSCHE, 1998). Outras moralidades, as subordinadas, são enterradas sob a percepção da imoralidade, estigmatizadas.

A conservação e subversão de modelos de tradicionalidade se baseiam na afirmação e questionamentos sobre bloqueios que propostas 'éticas' e ideologias contribuem para reproduzir. Interessa-nos refletir também sobre as aproximações e distâncias entre o poliamor e a monogamia, marcando ambos os modelos nossos corpos e desejos, territórios politizados.



**Fig. 4:** "Homem brincando com duas ideias incompatíveis", Susano Correia (2020)

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

## 2.1 Mononormatividade & Politeorias

Durante séculos, a monogamia ocupa espaço hegemônico de idealização do amor, implicando, dentre outros aspectos, na romantização das representações de “exclusividade”, que se perpetuaria na díade sexual-afetiva, além de se estabelecer como monocultura naturalizada.

Heilborn (2004) discute sobre o aprisionamento sentimental observado entre os cônjuges autodeclarados monogâmicos, gerando cobranças, monitoramento e controle do outro; instituindo deveres, obrigações e concessões relativas às dinâmicas de relacionamento amoroso-sexual-afetivo diádico. A colocação da individualidade e das diferenças, por sua vez, são acorrentadas como descompromissos, contraposto à cooperação e “segurança” monogâmica.

Uma filha bastarda da monogamia é a invenção da infidelidade conjugal, vista como uma espécie de “vírus” sempre à espreita dos relacionamentos diádicos e uma ameaça ao amor romântico. No modelo de relações afetivo-sexuais monogâmicas, a fidelidade regulariza relações e sua quebra implica na penalização dos sujeitos infiéis, não só legalmente, mas também socialmente.

Hierarquias existem e resistem: “a monogamia e seus privilégios são protegidos e mantidos como norma [...]” (SILVÉRIO, 2018, p. 268). Sendo a “objetificação” das pessoas através da apologia sobre posse nos relacionamentos interpessoais, as prerrogativas de transmissão de heranças e a percepção de segurança produzida pela proposta da relação monogâmica atuam no sentido de dificultar a compreensão e aceitação de outras formas de relacionamentos interpessoais (inclusive simultaneamente).

Anapol (2010), por sua vez, aponta que a cultura monogâmica compulsória faz com que as pessoas esqueçam que podem decidir sobre quantos parceiros amorosos desejam ter. Além disso, essa cultura estimula o medo de relacionamentos com múltiplos parceiros, repassando uma imagem de que eles dificilmente serão ‘estáveis’, duradouros e ‘sérios’.

A partir do momento que o indivíduo se torna crítico aos sentidos e ao *modus operandi* do modelo monogâmico de relações interpessoais, reconhecendo a existência de outras maneiras e alternativas ao que socialmente são definidos como amores e relacionamentos “adequados”, mecanismos de estigmatização e atribuição do status de “desviantes” são recorrentemente mobilizados.

O poliamor também permite questionar sobre nossos sentimentos e emoções condicionadas ao coletivo (SILVA *et al.*, 2017). Buscar alternativas aos modelos/coreografias/*scripts* sociais auxiliam no se descobrir, na exploração da multiplicidade de *selves* (dos “eus”), abrindo a possibilidade de múltiplas identidades, as quais questionam percepções convencionais instituídas (BARKER, 2005), a exemplo da monogamia e sua normatividade.

Embora o modelo de relações interpessoais baseadas na monogamia continue com *status* altamente plausível e hegemônico, suas normas sobre amor, afetividade e sexualidade não agradam a todos em seus anseios de relacionamentos, emergindo com uma força significativa de modalidades múltiplas e divergentes.

O *download* do sistema poliamorístico já foi iniciado, sendo o amor-próprio uma das suas marcas apresentadas como atrativo, implicando em investimentos dos sujeitos sociais na diversidade e na preocupação consigo mesmo, ao invés do centramento nas dinâmicas da reputação e das opiniões alheias (ANAPOL, 2010).

Os significados e conceitos do poliamor estão longe de serem unívocos, sendo adaptados e negociados com os diversos movimentos poliamoristas emergentes. Haritaworn, Jin *et al.* (2006) apontam a escrita e o ativismo poliamorista como expansão das linguagens e habilidades para mudanças culturais nos campos emocionais e sexuais das vidas dos sujeitos contemporâneos.

Reafirmo que objetivo desta pesquisa não é exercitar uma abordagem substancialista e essencialista dos sujeitos e relacionamentos poliamoristas, mas analisar a diversidade dos arranjos poliafetivos na atualidade, inclusive pensando em seus aspectos performativos nas novas redes sociais digitais, bem como as dinâmicas de estigmatização eventualmente acionadas por esses tipos de relacionamentos.

A interpretação do poliamor já assumiu diversas formas: prática de relacionamento, teoria, filosofia, estilo de amar, orientação de relacionamento e identidade (KLESSE, 2014). Crescendo em visibilidade e dizibilidade social a partir do final do século XX e início do XXI, o sistema poliamorista apresenta discursos diferentes dos propostos pelo sistema monogâmico sobre amar, sentir e desejar.

O termo evoca combinações de palavras derivadas do Grego (*poli*) e do Latim (*amore*), traduzindo a experiência-existência simultânea de vários amores. Na prática, propõe-se a pluralidade de parcerias nos âmbitos amoroso-afetivo-sexual. Alguns teóricos inclusive associam o poliamor com a esfera de valores e da ética, ligando-o

à honestidade, à negociação respeitosa e à igualdade (ANAPOL 2010; BARKER & LANGDRIDGE 2010).

O poliamor, segundo Freire e Gouveia (2018), aparece no cenário das ciências humanas como uma resposta às demandas sociais que emergem das transformações e influências relacionadas à Revolução Sexual, que se inicia no ocidente a partir dos anos de 1960, produzida por movimentos da contracultura em várias sociedades, os quais defendiam a alternativa da poliafetividade como opção ao modelo convencional dos relacionamentos afetivos, amorosos e sexuais diádicos, até então restritos ao sistema monogâmico.

Na proposta poliamorista, o amor se torna próprio também de si, dos tantos eus que nos habitam:

É fundamental reafirmar que o centro norteador do amor poliamorista é o “eu mesmo” e não o outro, razão pela qual são raros os depoimentos que expressam o amor por alguém. As falas de amor referem-se à possibilidade de amar “como”, “quem” e “quantos” se quiser. (PILÃO, 2012, p. 113)

Através de entrevistas com pessoas que relataram experiências de transições e o distanciamento (ou até mesmo a não identificação) com a monogamia, Silvério (2018) expõe que seus informantes não descrevem o poliamor como uma mera quantificação e ampliação do número de parceiros amorosos, afetivos, sexuais.

Sobretudo, exploram a potência de transformação nas bases estruturantes da instituição monogâmica, rompendo imposições, expectativas e limitações da liberdade, autonomia e independência. Além de buscar mais honestidade, diálogo e capacidade para o indivíduo se expressar: o (não) querer, sentir e desejar.

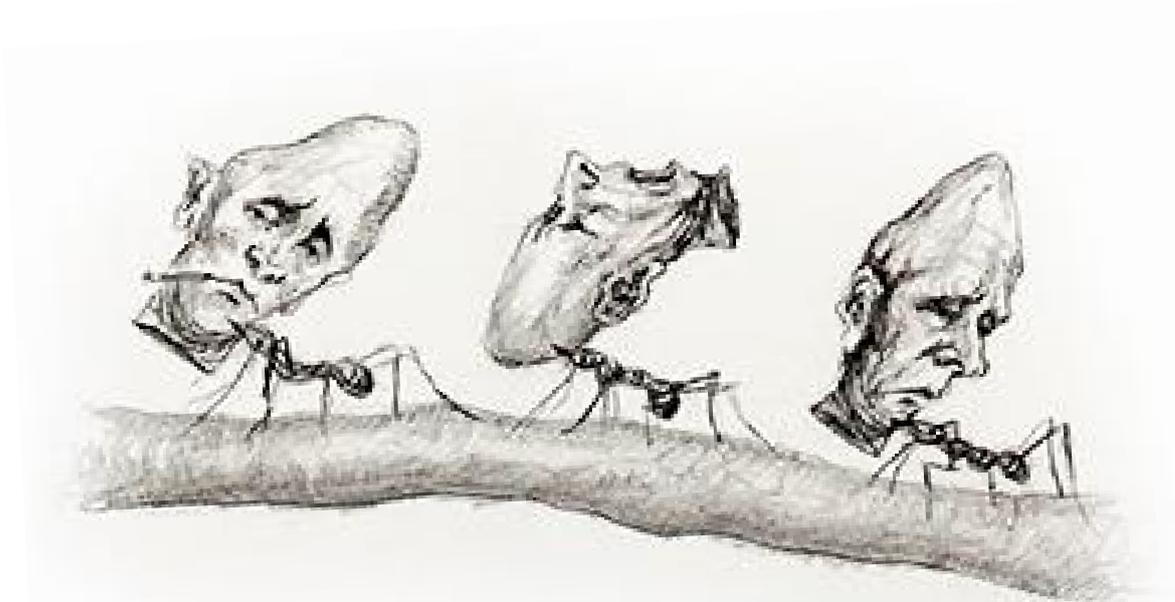
Silvério (*idem*) compreende o poliamor como um fenômeno observado em diversos lugares e espacialidades ao longo da história humana, representando um desafio à monogamia compulsória, além de se relacionar com processos contemporâneos de individualização, ao mesmo tempo em que oportuniza a realização de discussões sobre gênero, sexualidade, casamento, intimidade, dentre outros temas.

Teorias, práticas e realidades não são almas trigêmeas. Distinguem-se e se adaptam. Digo isso, pois conforme teorias e estudos são apresentados para embasar esta pesquisa, além de amostras de indivíduos e práticas de relacionamentos onde os (poli)amores são questionados, paradoxos são alcançados.

Não esperem teoria, prática e realidade andando sempre juntas de mãos dadas. Relacionamentos são múltiplos, complexos e singulares. A “normalidade” social se estrutura com diferenças.

Observação: o intuito inicial seria analisar exclusivamente relacionamentos poliamoristas. A própria classificação trouxe limites desnecessários, bloqueando reflexões mais intensas. O poliamor continua sim, sendo alvo de análises neste trabalho. Mas abriu oportunidades e estímulos para a coexistência de novas dinâmicas e identidades de relacionamentos que estão viralizando no espaço social-digital.

## 2.2 Poléculas em manutenção



**Fig. 5:** “De volta ao trabalho”, Susano Correia (2022).

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

A análise de questões referidas ao poliamor pode indicar uma atualização do cenário social, (des)formulando relacionamentos amorosos-afetivos-sexuais que são (in)disponibilizados aos sujeitos sociais, além de oferecer elementos que transcendem as limitações do modelo monogâmico tradicional.

Serão apresentados discursos e estudos poliamoristas, relacionando-os com perspectivas teóricas no intuito de (des)agregação, buscando suas poléculas e suas (des)ativações: complementariedades e tensões; identidades e desidentificações.

O foco aqui construído tem como objeto o poliamor e suas influências nas relações interpessoais, observando-se o campo *offline* e o sociodigital. Isso não

impossibilita, pelo contrário, impulsiona a utilização de fontes que ultrapassem limites físicos e geográficos.

As “emoções” e “sentimentos” tornam-se aspectos fundamentais para compreensão e (não) direcionamento da sociedade que estamos construindo, especialmente sobre os relacionamentos interpessoais estudados. O que era tratado estritamente como abstrato e íntimo grita sobre o social. Transtornos “emocionais” diante insuficiências-dependências, responsabilização afetiva com o outro, além dos crimes “passionais” são alguns despertares sociais reflexivos (VAZ DA SILVA, 2018).

Estrutura-se um marketing e capital sobre inteligência emocional, no intuito de empreender as emoções humanas. A exploração de sentimentos e emoções, desperta novas cocriações, submetendo às utilidades desde as mais radicais, com e sem te(n)são. Somos autores e reféns de sentimentos e desejos incorporados.

Esta pesquisa se preocupa com o poliamor enquanto produto ou resultado na contemporaneidade, ressaltando trânsitos, divergências e indivíduos que se estimulam-bloqueiam nos processos de (não) identificação. Aliás: “uma sociologia hermenêutica que queira entender a ação social ‘desde dentro’ não pode fazê-lo de maneira adequada se não presta atenção à cor emocional da ação e ao que a impulsiona” (ILLOUZ, 2007, p. 16).

Nossos sentimentos e relações também são construções socioculturais, com reflexos individuais-sociais-políticos-culturais, indo além de uma suposta “naturalização”. Poliamor não é uma solução mágica para tentar absolver problemas nas relações interpessoais, nem a construção de ‘belos amores’. Poliamores estão como pluralidade de identidades e de (des)arranjos. Seus caminhos estão vulneráveis, socialmente regulamentados e scriptografados.

Cada indivíduo possui suas singularidades. As relações mesmo com reflexos-vícios socioculturalmente construídas também são personalizáveis. Somos analisados como campos de poléculas degeneradas, diante da busca por uma unidade identitária (SALEM, 1989). Ao invés de traduções das relações, nutrem-se as comunicações. A ferida está no corpo, o amor idealizado, esteja concreto ou abstrato. E lembre-se: esses aspectos não estão acabados; são devires.

### 2.2.1 Transando amores e intimidades

Ensaio sobre (poli)amores e suas (in)seguranças políticas-culturais: possuem formas, medidas, começo e fim? Tantos requisitos talvez demonstrem que vários significados são conFig.dos, além de idealizados. Músicas, poesias, mortes e vidas há séculos aclamam o amor sob diferentes ângulos, na intenção de colecioná-los, classifica-los, controla-los e de nos relacionarmos. Como as diversas formas de amorosidade estão se transformando?

Não me responsabilizem em solucionar questões. No máximo, podemos nos perder por instantes-eternos para mergulhar em alguns mistérios e códigos sociais escondidos sob(re) amores. Refletir sobre trilhas e coreografias socioculturais que (não) tocam nossos relacionamentos, mesmo diante da ansiosa mutabilidade das redes sociais, talvez incidam sobre a complexificação das experiências e de seu (des)entendimento interessado.

Relatar algumas transições histórico-sociais pode contribuir para compreensão dos relacionamentos interpessoais na contemporaneidade. Sob a percepção evolucionista, os humanos têm buscado continuamente o apagamento/distanciamento da primitividade, desejando passar de “selvagem” para “civilizado”, sendo os amores e seus enredos um dos caminhos propostos para produzir civilização (FRANÇA, 2016).

Domesticamos *pets*, crianças e nós mesmos (ELIAS, 1994).

E os amores?

Seus aspectos passionais e impulsivos não estão imunes à fome de disciplinarização e ao saber-poder. Ainda resistem alegorias: cupido perseguindo corações, entregando flores, promessas e recompensas. Mito ou realidade, realmente importa? Algumas vezes as flechas nos atingiram, estimulando processos de estranhamentos-defesas. Estamos mergulhando em conhecimentos e experiências para encontros com o desconhecido. Lembremo-nos de questionar sempre, conquistando novos fôlegos.

O amor adquire-produz-vende modas culturais. A construção social do sentimento amoroso é marca da modernização nas sociedades, sendo o “amor-paixão” uma força antagônica à instituição familiar, com ela se reconciliando posteriormente com o auxílio do movimento romântico do século XVIII (ABOIM, 2006).

Aboim (*idem*) discute a sentimentalização da vida privada, na qual o amor se torna um critério necessário para a legitimidade do casal, montado através de papéis e orientações de gênero, estruturação nuclear diádica, com dependências e fusões passionais adaptadas ao sistema social, industrializado, urbanizado e demais outras marcas do século XX.

O amor romântico emerge valorizando autossacrifícios e controles em favor de relações amorosas construídas como gratificantes. Estrutura-se o compromisso contra ameaças para dissolução das relações afetivo-sexuais institucionalizadas (LOBATO, 2012).

A difusão dos ideais do amor romântico foi um fator que tendeu a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais amplos e lhe proporcionou um significado especial. Maridos e esposas eram vistos cada vez mais como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto [...] (GIDDENS, 1993, p. 36)

A interdependência entre sexualidade e amor se conFig. no complexo de controles postos pelo romantismo, codificando e legalizando o amor principalmente pelo casamento monogâmico (SILVÉRIO, 2018). Cabe ressaltar, que os sistemas de disposições do amor romântico não estão impermeáveis diante das transformações e possibilidades oferecidas-produzidas nas franjas do sistema sociocultural.

As orientações e cartilhas amorosas se diferenciam quando se consideram diferentes níveis de realidades sociais. A emergência do amor romântico como primazia na vida privada, definido como fonte de bem-estar pessoal, por exemplo, convive com a disposição criativa de opções, investimentos e modelos diversos de interações afetivo-sexuais (ABOIM, 2006).

Com o poliamor, a idealização da complementaridade afetivo/sexual típica do amor romântico é afetada pela mutualidade, pela busca de “equidade” e “simetria” entre os envolvidos e seus direitos (SILVÉRIO, 2018).

Desequilíbrios bilaterais nas relações interpessoais visíveis através das demandas, expectativas e orientações de gêneros-sexos, atualmente se (des)encontram em processos de transFig.ção. Ao mesmo tempo em que os seres se reconFig.m com suas diferenças, refletindo novas inquietudes.

Giddens (1993) discute sobre a proposta de uma *modernização reflexiva*, apontando para limitações e dificuldades na modernidade (des)conFig.da com relacionamentos automatizados e co-dependências compulsivas. A reflexividade

possibilita também que revoluções na existência interpessoal sejam despertadas, identidades vulnerabilizadas por crises, além de oportunizar mudanças sociais para relacionamentos menos exclusivistas.

Conforme a libertação das tradições, tabus e constrangimentos morais, consequências e estímulos atingem indivíduos para cocriações de si mesmos, reconstruindo suas relações interpessoais, reescrevendo novos capítulos e narrativas de seus tantos *eus* que afloram nos relacionamentos, possibilitando transformações da intimidade socialmente regulamentadas.

Giddens (1993) descreve a modernidade como uma abertura para a transição do amor romântico para um amor pautado na confluência e preocupação com a satisfação mútua dos participantes das relações íntimas, adequando-se às dinâmicas dos relacionamentos e autonomias individuais emergentes.

Na contemporaneidade, o casamento não é mais o único ritual social para validar as relações íntimas (FREIRE; GOUVEIA, 2018). “Felizes para sempre”, satisfação e durabilidade do(s) relacionamento(s) estão criticados. O ideal romântico como característica indispensável e seu caráter eterno se rende à encarnação com suas de-composições.

A “modernidade líquida” é caracterizada por Bauman (2004) como um contexto em que os vínculos e relacionamentos interpessoais se apresentam fluidos, frágeis, potencialmente transitórios e revogáveis. Confianças e inseguranças são flexibilizadas, além dos investimentos sentimentais se protegerem dos riscos imprevisíveis dos processos de individualização crescente.

Formas e hierarquias possuem instabilidades. As vivências das relações íntimas vêm se cocriando. Ao invés do mais alto, talvez a escavação emocional busque o mais rápido e menos profundo? Ou o mais real-ideal? Até então juntos, solúveis. Cabe refletir: como estão os mergulhos nas relações interpessoais?

O *homo consumens* emerge como um efeito da cultura vigente do consumismo, na qual o sucesso não está no acúmulo, mas nos usos e descartes cada vez mais velozes. Almeja-se a novidade e a variedade (SILVÉRIO, 2018). O status da solidariedade humana é rebaixado diante a supremacia do mercado consumidor (BAUMAN, 2004).

A intimidade não é sinônimo de independência. As transformações contemporâneas da intimidade se relacionam com níveis diversos de abdicação da autoridade e controle sobre o(s) outro(s) (DOS SANTOS, 2019). Cabe também

observar a transformação da intimidade como processo do indivíduo conseguir dominar a si próprio ou até mesmo gerar uma falsa consciência de libertação (PAIS, 2007).

As delimitações dos limites pessoais também demonstram importantes para a manutenção da intimidade nas relações: “intimidade não significa ser absorvido pelo outro, mas conhecer as suas características e tornar disponíveis as suas próprias. Paradoxalmente, a abertura para o outro exige limites pessoais, pois é um fenômeno comunicativo” (GIDDENS, 1993, p. 106).

A partir dos poliamoristas pesquisados, Pilão (2015) relata que eles buscam desfazer a contradição entre conjugalidade e individualidade:

[...] uma vez que afirmam a possibilidade de estabelecerem relações conjugais sendo “eles mesmos” e de recusarem a constituição de uma unidade com o parceiro. Nesse sentido, o “nós” se conjugaria com o verbo “estar” e não com o “ser”. Essa dinâmica não significa, entretanto, a negação do vínculo amoroso. Pelo contrário, o poliamor se constitui a partir da defesa de ligações “íntimas” e “profundas”, mas com a possibilidade de que elas sejam feitas sem perda de autonomia. (PILÃO, 2015, p.410)

Procuram mais equilíbrio e mutualidade nos relacionamentos, sem perdas de autonomias. Compreender vícios e obstáculos interpessoais, através da valorização e desenvolvimento das intimidades individuais-coletivas, talvez representem protestos e críticas aos amoldamentos impostos por processos-sistemas-hegemonias compulsórias.

Na organização social com crescente diferenciação funcional, o processo complexo de individualização não exclui (totalmente) as simulações e orientações comportamentais hegemônicas, em especial as tocantes às relações íntimas. Sequelas do passado biográfico-familiar-social se perpetuam e são colhidos no presente, mesmo que de modo inconsciente (DOS SANTOS, 2019).

As experiências passadas auxiliam na transição das transformações da intimidade. Ao invés da repetição de padrões de relacionamentos herdados, a aprendizagem torna-se disponível para a criatividade e modos diversos de interações sociais. Novas *performances* de relacionamentos interpessoais são exploradas.

A comunicação como construção social e com seus diferentes meios (tecnologias, linguagens) se adaptam ao crescente individualismo na atualidade, além

de auxiliar nas interações sociais. Conforme Luhmann (1991)<sup>10</sup>, o amor se destaca como meio de comunicação e código simbólico, ultrapassando um sentimento com terminações em si mesmo, encorajando a formação de outros sentimentos e relacionamentos.

Como comunicar o processo de diferenciação com o suposto ‘mundo próximo’ social? Luhmann (1991, p.14) suscita o amor capaz de “possibilitar, cuidar e fomentar o tratamento comunicativo da individualidade”, auxiliando nas conexões interior-exterior, na interpretação dessas.

Junto com o funcionamento das hegemonias de modelos de relações afetivo-amorosas ocorrem terrenos de autonomias em relação a eles, de diferenciação e instauração de subsistemas – estes também socialmente regulamentados e geradores de dinâmicas hegemônicas e subalternas.

Sobre as relações poliamorosas se pergunta: *como é possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo? Como se delineiam as formas de convivência entre os indivíduos-amantes envolvidos?*

A busca por desejos e objetivos individuais multiplica alternativas e escolhas (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2018). A pluralidade aqui tratada não apenas como números. Exercitam-se a mutabilidade e novos processos de (não) identificação.

Através das análises dos comentários de usuários veiculados a um vídeo<sup>11</sup> com a temática poliamorista na rede social digital *Youtube*, Junior (2019) percebe que o “amor” além de ser a palavra mais mencionada nos comentários, também é idealizado como característica importante para sustentar e legitimar relacionamentos interpessoais atualmente.

Amores como instrumentos sensíveis para programações e com capacidades de diferenciação criativa, sob efeitos revolucionários individuais-coletivos. Representação e resistência cultural-política, abrindo margens para estigmatização e subjetividades capazes de extrapolar a hegemonização pública, política?

---

<sup>10</sup> Luhmann (1991) distingue em pelo menos três *sistemas autopoieticos* com capacidades autoconstitutivas, construindo modos de operações próprios e diferenciados. São esses: *sistemas vivos* como operação básica a vida; *sistemas psíquicos* habitam os pensamentos e a consciência; e *sistemas sociais* que se utilizam da comunicação.

<sup>11</sup> Junior (2019) realizou análises qualitativas de 206 comentários de internautas brasileiros em vídeo disponibilizado no ciberespaço na rede digital *Youtube* com título “Documentário Poliamor / Polyamory / subtitles English”. Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=H3SbBZNotuc>

De outra forma: além das transformações sobre intimidades e amores, quais outras influências e dinâmicas sociais poderiam ser descobertas nas relações poliamoristas?

### 2.2.2 Entre liberdades e armadilhas...



**Fig. 624:** “Homem esperando pacientemente pelo amor”, Susano Correia (2018).

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

Na revisão da literatura sobre o tema poliamores, a *liberdade* aparece como uma das principais características das experiências dos indivíduos poliamoristas. Ao mesmo tempo, a liberdade vivenciada nas relações poliamoristas é vista não como irrestrita, instaurando (in)dependências e (des)regulamentações socioculturais.

Historicamente, o casal diádico produziu implosões e explosões (SALEM, 1989). A recepção da idealização de um relacionamento diádico, baseado na complementariedade é visto também como “prisão”<sup>12</sup>, acionando licenças projetadas por indivíduos em busca de “liberdades” amorosas-afetivas-sexuais. Na contemporaneidade assiste-se ao crescente questionamento sobre fechamentos e aberturas dos relacionamentos afetivos-amorosos-sexuais.

Diante da legitimação da possibilidade de escolhas e do atendimento de interesses individuais, as relações afetivas-amorosas-sexuais passam a ser menos uma questão de adesão automática ao modelo hegemônico, tornando-se mais reflexiva sobre interesses fluidos dos envolvidos.

A ideia de posse e exclusividade, de “ter” o *outro* nas relações vem sendo transformada pelo *eu “estou com” o(s) outro(s)*. Buscam-se programações que relacionem o tempo comigo e com o(s) outro(s). Quanto vale a hora do programa?

Não é sempre, nem incidem do mesmo modo sobre todos: mas novos dispositivos são acionados e instalados para atualizar configurações amorosas-afetivas-sexuais e liberdades nas relações: a dissolução de regras de exclusividade conjugal díade; as críticas às atitudes experienciadas como controladoras e falsas promessas; mais ênfase sobre atitudes tolerantes e respeitadas das vontades e desejos dos indivíduos em relação (PILÃO, 2015).

A caracterização da liberdade no poliamor sugere a desvinculação de exclusividades enraizadas pelo sistema monogâmico, conforme já comentado no primeiro capítulo.

O poliamor carrega argumentos sobre possibilidades de se relacionar com mais de uma pessoa simultaneamente e publicamente, inclusive de maneira acordada, enfrentando as inseguranças e ameaças temperadas pela “traição” e “exclusividade monogâmica”, pois “novos amores” não necessitam inviabilizar/excluir os outros já existentes (VAZ DA SILVA, 2018).

---

<sup>12</sup> O termo “prisão” tornou-se uma analogia divulgada através de análises sobre relacionamentos individuais-sociais por autores referências para construção desta pesquisa: Heilborn (2004); Goldenberg (2010); Vassalo (2018).

Sobre traição, Tavares e Souza (2017), apontam que os sujeitos por eles entrevistados apresentam uma tendência a interpretá-la como um efeito colateral da possessividade entre amantes, tornando-se obstáculo para a liberdade do eu e para ‘amores *mais verdadeiros*’. Poliamoristas entrevistados por Tavares e Souza (*idem*) veem a traição como um *link* de acesso aos sofrimentos nas relações afetivas-amorosas-sexuais. Para esses entrevistados, a atração sexual por outras pessoas e até mesmo a possibilidade de amá-las não significa deixar de amar o(s)/a(s) companheir@ (s) já conquistados/das.

França (2017) reflete sobre a recorrência do término das relações amorosas por motivos de ciúmes e traição, questionando a promessa de felicidade de um modelo no qual se impede a liberdade de admitir atrações por outras pessoas, bem como a de se relacionar com mais de um/a simultaneamente, sem a obrigação de quebras de relacionamentos já existentes.

No poliamor, a “liberdade sexual” se expande ao buscar equidade e mistura de parâmetros-paradoxos entre sexos e gêneros, pois são relações que almejam conexão entre pessoas, e não necessariamente suas condições de gênero e/ou sexo devem se sobrepor, questionando os rituais da heteronormatividade, além da monogamia:

Afirmar-se poliamorista não é, nessa ótica, visto como aprisionar-se, mas defender a libertação do amor, para que ele possa ser experimentado independentemente dos sexos dos envolvidos e da existência de outros relacionamentos [...] (TAVARES; SOUZA, 2017, pp. 41-42)

Lins (2016), por sua vez, traz em seu *blog* sobre relacionamentos e vida sexual, o discurso de uma internauta poliamorista:

Em vários momentos da minha vida amei mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Mas sempre que isso acontece você se sente na obrigação de ter que decidir entre elas. Não acho natural; não quero isso para a minha vida. Por que não podemos amar várias pessoas? Não amamos diversos amigos? Não amo meus três filhos? Cansei dessa história; aderi de corpo e alma ao poliamor. Sei que não é fácil encontrar parceiros que concordem com isso, mas estou tentando. Tenho a esperança que daqui a algum tempo as cabeças fiquem mais abertas. (LINS, 2016, *online*)

Diante o ideal de independência apresentado entre poliamoristas (PILÃO, 2015), restam críticas sobre relações concebidas como moedas de trocas amorosas, estabelecendo “dívidas” e “endividados” relativas ao que eles próprios não têm (LACAN, 1992).

O poliamor definido como 'livre e espontâneo' pelos seus experienciados, é visto como capaz de estabelecer vínculos entre pessoas, mantendo as diferenças dos que se vinculam, a fim de preservar suas individualidades e autonomias. Para poliamoristas entrevistados, compreender os ciúmes como limitantes torna-se mais um processo para alcançar o objetivo da liberação das relações afetivas-amorosas-sexuais (PILÃO, 2015; LINS, 2016; TAVARES & SOUZA, 2017; PEREZ & PALMA, 2018).

Emerge na discussão sobre relações poliamoristas, entre seus praticantes, o termo “compersão” baseado na capacidade de um indivíduo sentir-se feliz, por seus/suas companheir@s amorosos-afetivos-sexuais também estarem felizes por se envolverem com outras pessoas (FREIRE e GOUVEIA, 2018).

O *Orkut* foi uma rede social digital criada em 2004 e desativada em 2014. Mas durante seu funcionamento possuiu uma comunidade sobre poliamor no Brasil com aproximadamente mil e oitocentos membros, ocorrendo reflexões e comentários *online* sobre a temática poliamorista (PILÃO, 2015). Ao invés de acentuar os ciúmes e raiva relacionados com o interesse do/da parceiro/parceira por outro(s)/outra(s), a compersão protagonizou tópicos de discussões e debates *online* entre os membros dessa comunidade.

Chega de esperarmos do outro o que nós mesmos não somos capazes de nos propiciar. Aliás, chega de idealizar as pessoas e extorquir delas o que sonhamos, atropelando o que têm a dar. E sabe por quê? Porque isso gera uma ansiedade medonha e transforma tudo em julgamento e cobrança. (PILÃO, 2015, p. 413)

A compersão é desenvolvida através da compreensão que se pode amar mais de uma pessoa, sem que isso envolva competitividade, culpa e sem tentativas de medir amor, preservando, dessa forma, o respeito pela individualidade e felicidade humana, e não o desejo de posse sobre o outro.

A partir de análises dos discursos de poliamoristas, Freire e Gouveia (2018) observaram que aqueles sujeitos não interpretam o ciúme como algo negativo ou positivo, mas algo a ser dominado, ao invés de “se deixar ser dominado por ele”. O ciúme passa de elemento de competição para fonte de compersão: prazer e compartilhamento.

O desenvolvimento da compersão, mesmo sendo uma proposta de trabalhar os ciúmes, não é anestesia, nem possui (in)eficácia garantida entre os poliamoristas ou quem quer que seja. Quem inventou o mito do amor sem desconforto? Relações

não estão protegidas de conflitos. Vivê-las automaticamente sem reflexões têm seus custos.

#### 2.2.2.1 (Des)identificações, diálogos e regras

A não identificação e até mesmo desilusões afetivas-amorosas-sexuais não acontecem apenas no sistema monogâmico, os poliamores como fenômenos também estão vulneráveis. O autor Junior (2019) durante suas pesquisas destaca alguns comentários de internautas sobre relações poliamoristas vivenciadas e que não demonstraram sinônimos de liberdade, nem a monogamia como sinônimo de prisão. Experiências poliamoristas ruins com vínculos obsessivos e até mesmo doentios, regados de ciúmes, rejeição e inseguranças são relatadas.

A partir de entrevistas presenciais realizadas no ano de 2011 e análises de comentários virtuais no *Orkut* e *Facebook*<sup>13</sup>, Pilão (2015) percebeu o quanto o poliamor era um conceito dinâmico e mutável. João, um dos internautas que compuseram a amostra constituída pelo autor citado, entende a classificação como uma “simplificação da realidade, padronizando conceitos, tornando as ideias poliamoristas mais firmes, garantindo a identidade e rompendo preconceitos”.

Já a internauta Alana não se interessa muito em rótulos e nomenclaturas, mesmo que se insira neles. Vejamos como ela fala sobre o tema:

Não me interessa muito a questão das nomenclaturas e regras ou de transformar o poli num movimento político e exigir que a sociedade reconheça o casamento poli ou que inventem uma lei para punir pessoas polifóbicas. Gostaria era de ter liberdade de viver meus relacionamentos em paz, sem ter necessidade de validar alguma forma, conceituar e racionalizar muito, para mim chega de teoria... na prática estamos muito distantes do que utopiamos. (PILÃO, 2015, p. 8)

Alice, uma das entrevistadas por Pilão (*idem*), por sua vez, demonstrou-se contrária ao emprego de rótulos, mas ao mesmo tempo vê a necessidade da organização coletiva e representação social como indispensável para que se tenha liberdade de viver o poliamor:

Não gosto muito de definições, rótulos, mas ultimamente eu tenho visto uma necessidade política disso, talvez seja um mal necessário que eu me afirme dessa maneira, para que todas as pessoas que estejam envolvidas no processo e que não sabem que existe esse tipo de relacionamento possam

---

<sup>13</sup> *Facebook*: rede social virtual lançada em 4 de fevereiro de 2004 e ativa até hoje, com aproximadamente 2.9 bilhões de usuários ativos mensalmente.

também viver de uma forma mais confortável, sejam mais toleradas na sociedade. (PILÃO, 2015, p. 9)

A valorização da singularidade dificulta o desapego daquilo que os diferenciam (PILÃO, 2015). Diante os comentários e reflexões postos até aqui, é notório as dificuldades para a construção e análises dos relacionamentos poliamoristas em termos de identidade fixa e homogênea. Os poliamores, assim como a monogamia, podem ser vistos como espaço para diversidade de arranjos e identidades inconclusas.

A partir da complexidade e conflitos nas relações poliamoristas, o diálogo e regras entre os integrantes tornam-se elementos estruturantes daquelas. A psicóloga e escritora norte-americana Anapol (1997), suscita a “alfabetização emocional” implicada nas experiências do poliamor, o que significa um processo de incorporação de concepções socioculturais de respeito a limites e manutenção de acordos.

O modelo poliamorista, como qualquer outro, implica na socialização relativa às responsabilidades, regras individuais e (des)acordos entre os envolvidos, de modo a contemplar seus interesses.

Praticantes do poliamor analisados por Perez e Palma (2018) demonstraram uma preocupação em realizar constantes autoavaliações para checar em que medida os envolvidos nas relações poliamoristas se sentem confortáveis com o que está sendo vivido.

Pilão (2017), a partir dos poliamoristas pesquisados, propõe três tipos recorrentes de arranjos poliamoristas, relacionados a modos de “abertura” e de “fechamento” de relacionamentos afetivos-amorosos-sexuais do tipo aqui focalizado:

- 1) “relação em grupo”, na qual ocorre relações amorosas comuns entre todos;
- 2) “rede de relacionamentos interconectados”, em que cada membro possui relacionamentos poliamoristas distintos;
- 3) “relação mono/poli”, quando em um casal um deles é poliamorista e o outro (por opção) não deseja ser.

A categorização proposta por Pilão (*idem*) aponta para hierarquias e diferenciações no poliamor: enquanto alguns praticantes defendem “liberdade plena” sobre os desejos, sem restrições, coexistem os que defendem a “polifidelidade”, ressaltando a prioridade das parcerias (relações “primárias” e “secundárias”)<sup>14</sup>,

---

<sup>14</sup> A distinção das relações “primárias” e “secundárias” se relaciona com o “amor necessário” e “amor contingente” propostos pelos amantes Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre, os quais viviam relações

adequando valores de lealdade, segurança e estabilidade, além de limitar novas experiências interpessoais com outras pessoas fora dos “selecionados”. E entre os polos ainda existem os que mencionam a “liberdade responsável”, buscando posicionamento consensual, questionando quais regras e singularidades (des)conectar nos seus relacionamentos.

Os relacionamentos humanos conformam-se como modelos idealizados para o estabelecimento da “parceria humana”. Não praticar pré-determinados relacionamentos incita frustrações quando as idealizações não são minimamente alcançadas (GIDDENS, 1993).

Diante diálogos e negociações nos relacionamentos interpessoais, não há regra universal que produza um exato efeito sobre diferentes relacionamentos. Pelo contrário, apesar da expressão “poliamor” ser uma tentativa social em generalizar processos de identificação com a ruptura com modelos hegemônicos de relacionamentos afetivos-amorosos-sexuais, aludindo-se à busca de liberdade, os relacionamentos assim descritos também são objetos de regramento e imposição de limites individuais e socioculturais.

“Como”? “Quando”? “Quanto” e “quem” inserir nos relacionamentos? são questões que instauram espaços de regulamentação e de interpretações individuais e coletivas, bem como de negociações.

---

exclusivas/necessárias entre si, como também vivenciaram relações adicionais/contingentes com outras pessoas simultaneamente.



**Fig.7:** "Homem destruindo para encontrar-se", Susano Correia (2017)  
**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

### 2.3 (ANTI)VIRAL

Focalizar os processos de legitimação-estigmatização dos poliamores é mais uma etapa da nossa pesquisa, questionando sobre a construção das relações interpessoais com (des)programações poderosas e socialmente estabelecidas. Para nossa abordagem, iniciamos com Goffman (1998) em sua definição sobre “estigma”, feita nos seguintes termos:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (GOFFMAN, 1988, p. 6)

Estigmas como linguagem e (não) legitimação das coisas-pessoas-relações. Esse autor contribui para a reflexão sobre diversas sociedades, grupos, instituições e como culturas constroem os limites entre normalidade e anormalidade. Discutem-se também como as definições socioculturais do que é adequado e inadequado funcionam como dispositivos de controle, na medida em que suscitam sentimentos desde inseguranças, vergonhas e desvantagens nos sujeitos estigmatizados.

Diante enfraquecimento do engajamento observado pelo amor romântico com seus ideais de exclusividade e eternidade, Tavares e Souza (2017) destaca a oportunidade de poliamoristas “saírem do armário”, a partir dos impulsos e desdobramentos de revoluções sociosexuais, a exemplo das observadas com as lutas *queer* por direitos civis, respeito, dignidade, liberdade.

O que define ‘estar no armário’? O que se perde e o que se ganha em ‘sair do armário’? Observação: engana-se quem idealiza processos de libertações sem conflitos e inquietações.

O termo “(anti)viral” aqui é utilizado em associação com defesas e vulnerabilidades individuais-sociais, na interface com (des)programações e (des)controles hegemônicos. A nossa imunidade se constrói diante os embates entre corpos que enunciam seus desejos de liberação nas relações afetivas-amorosas-sexuais e os que defendem a ‘segurança’ do modelo hegemônico diádico a cada temporalidade e espacialidade consideradas.

Os corpos viralizados alertam resgates para transformações: desde fusões-fisões, produzindo (auto)defesas. Para estabelecer novas resistências, as coisas

carecem de significação e manipulação, pudores classificados e (des)naturalizados. A viralização não para, transmuta em novas fases e desafios.

Podemos (des)associar essas perspectivas com Foucault (2010) e Miskolci (2017), quando refletem sobre os processos históricos de vigilância e punição para impor e manter regimes representacionais hegemônicos, recorrentemente de caráter binário.

Os modelos hegemônicos sobre desejos, vínculos interpessoais e sociais, atravessam os sujeitos/corpos e suas relações, destacando interdependências e estereótipos. O desprezo e oposição ganha materialidade e sustenta o jogo hegemônico de interesses (MISKOLCI, 2017). As representações sociais demonstram o caráter articulador desde histórias e fantasias: fetiches e fobias, medo e atração, vida e morte.

Conforme Costa e Nardi (2015), os estereótipos definidos na cultura facilitam o preconceito, favorece a desigualdade e a marginalização do diferente e desconhecido, ativando medos e pânicos morais. Isso se observa, por exemplo, quando os poliamoristas se sentem desconfortáveis ou desprotegidos diante moralismos e padrões sociais hegemônicos, sendo (não raramente) pressionados para ocultar determinadas características que possam insinuar identidades não desejadas nas diversas redes: afetivas, sexuais, familiares, amigáveis, profissionais, dentre outras.

França (2016) observou que praticantes do poliamor analisados são atingidos com acusações morais de teor pejorativo e classificados como “promíscuos”; que utilizam o poliamor ‘como desculpa para praticar “putarias”’; e a denominação das relações não-monogâmicas como ‘sem seriedade’. Essas desqualificações indicam a ativação de processos estigmatizantes, subjugando indivíduos com identificações poliamoristas e suas relações sociais.

A depender do espaço e público, ameaças são mais ou menos disponibilizadas aos internautas poliamoristas analisados por França (*idem*), sobrevivendo com cuidados e restrições sobre seus comportamentos e discursos com teor não-monogâmico. Enfrentamentos e resistências também são despertados por internautas que propagam a importância de debates poliamoristas para acesso à informação, respeito e desconstrução de preconceitos.

Nas entrevistas realizadas por Perez e Palma (2018) aparece a diferença de vivências poliamoristas entre homens e mulheres. Segundo os autores supracitados, homens possuem mais facilidade de praticar o poliamor do que mulheres. Estas, por

sua vez, percebem e utilizam o poliamor como suporte para o alcance da liberdade do papel-propriedade que adquiriram sob seus companheiros. Mas os efeitos nem sempre são desejados: quando mulheres se declaram poliamoristas, observa-se a perseguição de preconceitos e estigmas, sintomas do machismo e patriarcado enraizados.

Diante os múltiplos desafios, Goffman (1998) anima ao suscitar a possibilidade de estigmatizados não se renderem às pressões desqualificadoras socialmente impostas. Ao invés de se submeterem às (des)qualificações, empoderam-se como sujeitos individuais, independentes de julgamentos sociais.

O processo de identificação como poliamorista pode ser libertador para alguns, enquanto para outros significam experiências de sofrimento com violências e discriminação/estigmatização. O que distancia sonhos de pesadelos? (Des)estruturar regras do jogo estremece as relações entre real e ideal.

As programações hegemônicas atingem corpos em diferentes formas e (peri)gozos. Sentimentos e emoções são gatilhos para novas influências e desejos. Continuar escondendo debaixo da pele (contra nós mesmos) e resistir com suas penas são as únicas maneiras? A vida frágil é ensinamento para fortalezas.

Diante o avanço da tecnologia e da internet, a perseguição social e repressão individual não se restringem apenas às forças psiquiátricas e policiais (MISKOLCI, 2017). O controle midiático digital ascende variadas performances e existências paralelas. Valores morais digitais comunicam com nossas relações interpessoais: quais vergonhas e engajamentos?

A viralização atinge parâmetros-paradigmas em velocidade imensurável. Entre *clicks* e *(des)likes* os cenários se confrontam. Os controles e limites assumem novos métodos. Diante tantas informações, mentiras e verdades se diluem. O estranho se globaliza. Algoritmos, subjetividades e a automatização se interinfluenciam. Dispositivos com novas redes de aplicativos disponíveis nos relacionam.

### 3 VITRINE DIGITAL: DESEJOS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Ligando máquinas e *playlists*...

Instalando redes sociais e (des)atualizando sistemas...

O mundo digital ecoa além das conexões, camuflando o *offline*: seres solitários-hiperconectados. Usuários da internet cada vez mais dependentes de recargas e (des)estabilizando vidas úteis. Capturas, desejos e conexões desenfreadas através do consumo de *sites* e aplicativos de relacionamentos (des)conFig.dos.

Neste capítulo busco expor e comentar perfis e relacionamentos poliafetivos performatizados em redes digitais, além das influências e desvios de algumas dessas redes sobre programações interpessoais já instaladas. Hierarquias, consumo e constantes (des)atualizações estabelecem competições nas redes digitais, transbordando em seus usuários a exploração de intelectualidade, fantasias e incidindo sobre vulnerabilidades humanas.

Liberem os cintos, iremos navegar no universo *online*. Máquina-humana: não apenas com divergências, mas em comunicações de conflitos e associações, de trocas-fluxos que rolam e que não rolam.

Entre vantagens e desvantagens, quais esconderijos e metaversos?

#### 3.1 Dependência Digital

(Des)Confianças são ignoradas por letras miúdas sobre os termos de uso, política de privacidade e (in)segurança dessas redes. Estamos em processos de consumo: consumindo e consumidos. As telas vigiam e nos transformam em meios e produtos de exploração. Diante de altos níveis de exposição online, o medo do monitoramento está se atualizando pelo medo do esquecimento.

O termo “vitrine” se destaca neste capítulo como analogia ao contato produto-cliente através do espelhamento das redes e suas exigências. Esteja suja, quebrada e manipulável, a vitrine reflete estilos e preferências sustentadas pelo avesso diante múltiplos filtros e privilégios: econômicos-culturais-estéticos-diversos. As influências são estimuladas diante a construção dos perfis online. A oferta acompanhada pela demanda precifica o consumo.

O online impulsiona novos *scripts* a serem elaborados. As linhas do tempo e as informações nas redes digitais estão viralizando limites e capacidades de memórias

dos sistemas. A carne humana torna-se tecido digital e os poros se transformam em pixels. *Touchscreen* dos corpos e desvios de belezas buscando o *match*<sup>15</sup> perfeito para sedes de desejos: sexo, informação, afetos, amores, relacionamentos.

Possuímos sensores e escaneamento corporal em atualizações como instrumentos para comunicação interpessoal-social. O desenvolvimento tecnológico atravessa o campo digital, influenciando realidades sociais e reestruturando diversas esferas: cultural, econômica, política, interpessoal. Não que sejam esferas independentes. Ao contrário, se complementam e se desenvolvem com suas diferenças.

Os limites e mutações digitais são incalculáveis e muitas vezes, para não dizer sempre, imprevisíveis. Impactos com o passar do tempo estão sendo vividos e desvelados aos indivíduos-sociedades. Apresenta-se a ambição e valorização do mundo digital como substituto para o mundo físico (TURKLE, 2011).

Estamos escolhendo nos relacionar mais com tecnologias e aparelhos digitais do que com seres humanos?

O número de divórcios bateu recorde em 2021 (80.573) no Brasil<sup>16</sup>. O brasileiro também vem se casando menos desde 2015<sup>17</sup>. Enquanto isso, o consumo e relacionamento com novas tecnologias digitais estão em ascensão: o Brasil possui mais celulares em uso (242 milhões) do que habitantes (214 milhões)<sup>18</sup>. Cinco horas por dia é a média do uso de celular pelos brasileiros em 2022<sup>19</sup>.

Esses dados e estatísticas refletem sobre tecnologias digitais e suas infiltrações nas relações sociais, atualizando ferramentas e influenciando projeções para encontros interpessoais, inclusive dificultando (des)conexões sem intermédio delas em meio ao crescente apego tecnológico.

Com o consumo-digital, medos são despertados sobre dificuldades com a segurança e saúde humana-social, emergindo discussões em busca de

---

<sup>15</sup> “*Match*”: significa combinação, que as pessoas gostaram uma da outra. Esse termo se popularizou através do aplicativo Tinder de relacionamentos.

<sup>16</sup> Dados do Colégio Notarial do Brasil (CNB): <https://ibdfam.org.br/noticias/9577/Brasil+bate+recorde+de+div%C3%B3rcios+em+2021%2C+segundo+pesquisa+do+CNB>

<sup>17</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/11/ibge-divulga-resultado-da-pesquisa-estatisticas-do-registro-civil-2020>

<sup>18</sup> Dados: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/brasil-tem-mais-smartphones-que-habitantes-aponta-fgv/>

<sup>19</sup> Dados: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasileiros-usaram-o-celular-mais-de-5-horas-por-dia-em-2021/>

“sustentabilidade digital” para redução e reparo de danos causados pelos *vícios na rede*. Surge, inclusive, um termo para conscientizar sobre a dependência com celulares: “nomofobia” - o medo irracional de ficar sem o seu celular ou ser impedido de usá-lo por algum motivo, como ausência de conexão à internet ou bateria fraca - indicando esse aparelho como símbolo de segurança física e emocional para seus usuários (TURKLE, 2011).

Os aparelhos tecnológicos se anexam ao corpo como órgãos, (des)potencializando a máquina humana, capturando dados e informações, viralizando nossos sistemas e afetando vidas, corpos e desejos, tornando-nos reféns de nós mesmos através de nossas vulnerabilidades atingidas e vazadas.

A biopolítica atualiza o poder do Estado e de corporações de *Big Data*, atingindo também as mídias, instituindo novas técnicas de vigilância, premiação e punição individual-social (MISKOLCI, 2017). O neoliberalismo atualiza estratégias de produtividade sobre o corpo, virtualiza a consciência e implanta elementos coercitivos para o miserável social se enxergar como empreendedor de si mesmo.

O micro/macro poder de favoritar ou bloquear pessoas-usuários, os duelos entre inteligência humana-artificial, o *ranking* de atratividade dos perfis online, privacidade hackeada, vulnerabilidades psicológicas e censuras são alguns efeitos da utilização (in)consciente dos meios digitais e da utilização que esses ativam sobre nós/usuários.

A “Era dos Dados” possibilita acessos à informação e aprendizados importantes para desenvolvimentos humano-social, mas a formulação do status social online pressiona competições entre os usuários das redes sociais, nas quais ostentar a falta de tempo significa obter vantagens, influenciando (des)aceleramentos, coreografias em ritmo de metas e atualizações hegemônicas.

O cansaço e exaustão físico-mental-emocional emergem como sintomas da “sociedade do cansaço” (HAN, 2015), forjada pela narrativa neoliberal de produtividade, atingindo a vida além do campo profissional, buscando consumir a vida em sua totalidade (KRENAK, 2020), transbordando sobre os relacionamentos interpessoais.

Bate-papo, vídeo chamadas, *match* e sexo *online* são alguns recursos disponibilizados aos usuários da internet que buscam meios alternativos ao invés do contato físico-presencial com o outro, criando também armadilhas e competições de altas performances com aspirações neoliberais. A era digital possibilita conjugar o excesso de informações ao acúmulo i-material desenfreado.

Os “emojis” surgem como nova linguagem visual, representando sentimentos e objetos. Os *likes* (curtidas) na rede social *Instagram* como forma de interação e disputa por engajamento, indo além de uma simples ilustração de coração, mas também como instrumento/mecanismo de julgamento e expressão de gostos e personalidade do usuário/internauta da rede.

Através de *clicks*, biometrias e informações pessoais, o campo digital induz experimentos sobre privacidades humanas. As redes sociais por intermédio de algoritmos e com o armazenamento de dados dos seus usuários (localização, linguagem, tempo, entre outros), influenciam padrões, atualizam estratégias para captura da atenção, submissão, consumo rápido e insaciável do perfil utilizado matéria-meio de produção de subjetividades.

### 3.2 Falhas & Métodos

Durante mais de dois anos de mergulhos (2021 a 2023) nas águas das relações não-monogâmicas, ocorreu o amadurecimento de técnicas e reflexões, sob a incidência de prazos pressionando passos e produção. Ansiedades, angústias e (des)prazeres também são derramados durante os processos de pesquisas e análises.

Além de teorias e dados, inspirações sobre procedimentos “cartográficos” e “rizomáticos” apresentados por Deleuze e Guattari (1995), permitiram novos fôlegos para este trabalho, estremecendo cobranças, rigidez e hierarquias metodológicas tradicionais:

Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda. [...] A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. [...] O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21)

Encarar e expor processos e críticas sobre produtividade (de)formando objetos-corpos, relacionamentos, vidas em fluxos e com sensibilidades, apanhando também o desconhecido e estigmatizado. Aqui, o pesquisador não se estabelece apenas na posição de comando, mas também está afetado entre objetos e experimentações.

Há forças e encruzilhadas que nos (des)preparam a sobreviver, surgem críticas às fórmulas, identidades e suas (des)conexões, sob a força das ondas de acontecimentos, que colocam questões em de-composições: rapidez e lentidão, longitude e latitude, potências e (des)afetos complexos (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Ao longo deste capítulo desenvolvo estórias e análises sobre experiências digitais, sem nenhuma pretensão de completudes. Não são planos de definição, mas de de-composições através do rastreamento de máquinas desejanter muitas vezes sem sujeitos e (des)conexões entre sujeitos selecionados.

Não espere uma metodologia fechada, asfixiada por teorias científicas e roteiros padronizados. As projeções idealizadas estimulam êxitos imperfeitos, repleto de falhas em cocriações e subjetividades (des)estruturantes. A imprevisibilidade vital reconhece singularidades e insatisfações identitárias, abrindo fugas para agentes de transformações.

Os destinos são desconhecidos, mesmo com perfis representativos. Bastidores são desvelados: processos, roteiros e artifícios. Diante do tecnicismo busca-se também o sensível: sentidos, por vezes, entre tons e esconderijos.

Lembrando de regar as ciências além de dados, poetizar também desejos, sorrisos e lágrimas. Linguagens-comunicações editáveis e postas em adaptações, sem negar suas frustrações, políticas de explorações e manipulação.

Nossa vitrine está carregada de inspirações brotadas da observação e análises de perfis *online* em redes sociais, contatos presenciais e narrativas simbólicas. Os personagens são os protagonistas desta pesquisa e de suas estórias. Críticas e investigações estão disponibilizadas aos usuários.

Auxiliando essas reflexões, alguns meios *online* de relacionamentos serão mobilizados: *Bate-Papo Uol*, *Instagram* e *Tinder*. Esses sites e aplicativos excitam desejos, disponibilizando doses e versões em (des)atualizações aos seus usuários.

Esta pesquisa abarca técnicas que remontam: para cada *site/aplicativo* utilizado. Sensibilidades e análises são ou não despertadas. Nos próximos tópicos ocorrem narrações sobre usuários poliamoristas e monoamoristas das redes sociais e aplicativos de relacionamentos selecionados.

Surgem ajustes e adaptações: o termo “gratuidade”, por exemplo, não é o mais adequado para transmissão de algumas reflexões desenvolvidas ao longo desta pesquisa. Assim, sugiro a utilização do conceito “acessibilidade” como proposta crítica

de expor diferentes graus e investimentos para alcance de (in)determinados objetivos: poliamores, informação, bem-estar, peri(gozos) e performances digitais.

Observação: os nomes dos atores e perfis utilizados são fictícios, para proteger o pesquisador e preservar as identidades dos sujeitos. A escrita em *itálico* será utilizada para representação das vozes desses personagens.

### 3.3 Experiências *On-line*

#### 3.3.1 Monólogo: *Bicha Sem Cabeça*

*Sem ponto, sem vírgula, sem meia, descalça  
Descascou o medo pra caber coragem  
(Psiu, Liniker)*

*O ano era 2015. Meus primeiros mergulhos digitais e (des)encontros aconteciam na maioria das vezes pela madrugada, quando os familiares com quem eu morava já estavam dormindo. Eu com meus 16 anos ligava o computador e então iniciava uma programação digital, pois ainda não possuía coragem em transbordar para o presencial relações sexuais com outras pessoas, principalmente por desejar relações homoafetivas, algo renegado pelo social-familiar sobre minha subjetividade.*

*Click<sup>20</sup>: Você entrou no modo de navegação anônima – o anonimato me deixava mais seguro em não deixar rastros dos meus desejos e interesses.*

*Pesquisar: bate papo online...*

*“Escolha um tema e entre na sala”, perguntava o site.*

*Quanto mais opções, mais os clicks continuavam:*

*“Sexo” (click)*

*“Você tem mais de 18 anos?” Sim (click) – mesmo não tendo idade suficiente exigida pelo site, não impedia meu acesso.*

*“Sexo LGBTQIA+” (click)*

*“Gays” (click)*

*Logo após, uma média de quinze salas surgiam para escolha, eu tentava entrar em uma que tivesse o maior número de participantes, pensando: quanto mais pessoas, mais chances de encontrar alguém interessante para conversar. Apesar de que o intuito principal não era uma conversa. Eu queria mesmo era saciar o (peri)gozo*

---

<sup>20</sup> “Click”: som emitido pelo toque digital no botão do mouse.

*através do sexo virtual. Muitas das vezes, as salas estavam lotadas com o número máximo permitido (em média 25 internautas). Então eu precisava escolher outra sala até conseguir entrar.*

*Mas antes de entrar, o usuário precisa escolher um apelido como forma de identificação para os outros usuários da sala. Essa é uma oportunidade de utilizar a criatividade para captar a atenção do outro.*

*Dados preenchidos, pronto: sala liberada. Momento de buscar algo por trás dos apelidos que ali estavam expostos. Ou até mesmo aguardar algum estranho iniciar uma conversa. Na sala, o usuário estava restrito a interagir através da escrita com um pessoa por vez ou com todos ao mesmo tempo de forma pública. Mas minha intenção era capturar alguém para o reservado e iniciarmos uma chamada de vídeo.*

*Após iniciar um papo, o site oferece a opção de ir para uma sala reservada com limite de dois usuários. Nessa sala, existe a possibilidade de utilizar a webcam e o microfone. O frio na barriga sempre acompanhava. Afinal, primeiro encontro com um estranho. Receoso em expor meu rosto, utilizava o ângulo da câmera do pescoço para baixo.*

*Com ou sem gozo: fechar janela (click).*

Essa estória de um entre inúmeros sujeitos não se relaciona diretamente com a temática do poliamor, mas achei interessante trazer para ir estabelecendo indícios dos cenários ancestrais-atuais e diversos aplicativos de encontros para dentro-fora dos sujeitos em busca de sexo no espaço *on-line*, que termina sendo para muitos o lugar de exercício da curiosidade e de encontro com os caminhos-labirintos das relações poliamoristas.

### 3.3.2 Funcionalidades, Intimidades e Comercialização no *Instagram*

O *Instagram* foi criado em 2010, com o intuito inicial de captar usuários de *smartphones*, possibilitando-lhes a comunicação *on line*, com o compartilhamento de imagens. Após diversas atualizações, em 2021 ultrapassou a marca de dois bilhões de usuários ativos por mês, atuando no nível global, tornando-se uma das principais redes sociais digitais.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Dados: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>

O acesso ao uso dessa plataforma ocorre através de ferramentas, linguagens e dinâmicas peculiares. Para acessá-la é exigido um cadastro para identificação do usuário, solicitando-se o preenchimento com dados pessoais: nome, gênero, e-mail, número de telefone, endereço, data de nascimento, dentre outros.

Cada perfil necessita de um nome com o “@” como inicial. Cabe ao usuário escolher: “tornar perfil privado”, ferramenta pela qual o acesso ao seu conteúdo audiovisual digital e à comunicação/interação ficam restritas apenas a quem você permitir que lhe siga; ou “tornar perfil público”, alternativa que faz com que qualquer perfil passa a ter livre acesso ao seu conteúdo, mesmo sem consentimento.

No *Instagram* busca-se conquistar ‘seguidores’. Clicar em “seguir” instaura a possibilidade de conexões com perfis, atendendo a variados níveis de interesses. Com poucos *clicks* pode-se deixar de seguir ou até mesmo bloquear determinado perfil.

Outro ícone importante no *Instagram* é o *like* (curtida), representado por um símbolo de coração. A busca por *likes* inspira a competitividade entre os usuários, na qual ganhar mais engajamento e visibilidade no termômetro de julgamentos e aceitação pelo público ao perfil e seu conteúdo vinculado significa conseguir mais *likes*. O *deslike* então coagula: ele é o mecanismo da plataforma pelo qual a cultura do cancelamento/desaprovação se instaura, funcionando como freios e medos para os usuários.

Os conteúdos publicados passam a ser vigiados por outras pessoas. Nasce o estranhamento, a identificação, o engajamento, o fã, o *hater*. Duelos e oposições de todos os tipos e em todas as esferas da vida social alcançam as relações digitais. O íntimo está sendo sendo conFig.do e exposto, com ou sem consentimento dos sujeitos sociais que participam da rede. Os meus, os seus, os nossos, os dos outros: (peri)gozos em exposição. Quanto vale minha influência e publicidade entram em questão.

Pela utilização do *Instagram* com *clicks* que demonstram interesses/desejos apreciação/depreciação do usuário, a plataforma acumula dados, criando arquivos de informações sobre o comportamento humano-digital. Desenvolve e personaliza o “explorar”, botão através do qual hierarquiza e vincula a visibilização de conteúdos e outros perfis por mapeamento do perfil-de-usuário.

Durante mais de dois anos venho utilizando o *Instagram* como *locus* empírico para pesquisar sobre sujeitos que se identificam com relações afetivo-amorosas não-

monogâmicas. Essa rede social foi essencial para os resultados desta pesquisa, diante dificuldades em encontrar sujeitos poliamoristas de forma presencial e dispostos a serem entrevistados.

Inicialmente, segui dois perfis de trisais. Assistindo a esses perfis, eles e o próprio *Instagram* indicavam outros perfis com afinidades poliamoristas: influenciadores, trisais e comunidades.

Durante o percurso da pesquisa *on line* segui dez perfis de trisais, uma comunidade com identidade não-monogâmica e alguns influenciadores não-monogâmicos. Cabe destacar que todos esses perfis estavam públicos com acesso para qualquer usuário do *Instagram*.

No palco digital as performances são moldadas pelos perfis de seguidores que se quer atingir (MISKOLCI, 2017). As performances *on line* se conjugam com perfis *on line* administrados por três pessoas no caso dos trisais.

Os administradores dos perfis analisados se revezam como apresentadores e se comunicam com o público principalmente pelo recurso lançado em 2016: os *stories* (histórias), ferramenta capaz de compartilhar momentos e experiências de seus relacionamentos, além de quantificar e identificar os visitantes que os visualizaram.

Cada *story* possui tempo limite, inclusive em 2022 houve atualização dessa ferramenta: antes restrita a quinze segundos, passou para sessenta segundos por *story*. Vale ressaltar que os *stories* expiram/desaparecem do perfil após vinte quatro horas. Mas já existe a ferramenta “destaques” para expor no perfil *stories* já publicados em ordem cronológica.

Em 2018, o *Instagram* ganha outro recurso para ser adicionado aos *stories*: as “perguntas e respostas”, possibilitando novas estratégias de interação entre o usuário e seu público, tornando-se uma possibilidade de alcançar mais engajamento entre os usuários. Funciona da seguinte forma: determinado perfil habilita o recurso de ‘perguntas e respostas’ ao público que o assiste, dando oportunidade para qualquer usuário que tenha acesso a esse perfil mandar questões (não anônimas) que desejar. O perfil recebe o questionamento e caso queira responder, pode publicar a pergunta-resposta em seu perfil com ou sem divulgação do remetente.

Esse recurso de perguntas e respostas foi fundamental para esta pesquisa de campo, possibilitando expor articulações *online* entre produto-consumo e interação telespectadores-protagonistas.

Na posição de telespectador dos perfis selecionados, capturei (através de *screenshots*) dúvidas e curiosidades dos seguidores nos perfis selecionados. Com uma média de seiscentos *screenshots* coletados, busquei analisar e destacar os principais questionamentos e curiosidades do público sobre esses perfis.

### 3.3.2.1 O terceiro travesseiro

Uma das principais questões que transpareceu repetidamente em vários perfis selecionados foi: “Como os trisais se construíram?”

**@trisal.e:** *Por causa da rotina intensa de estudos e outras atividades, acabamos decidindo morar os três juntos e encarar o desafio de construir a relação dessa forma. E aqui estamos compartilhando a caminhada apoiados em muito acolhimento, transparência, sinceridade, paciência, respeito e principalmente: diálogo.*

Outro seguidor questiona para esse trisal: “você imaginaram em algum momento da vida ter uma relação assim?”

**@trisal.e:** *Não, mas chegou uma hora que só dessa forma fazia sentido. E agora estamos vivendo e curtindo as delícias e dores, amando a cada momento e crescendo juntos.*

Já o @trisal.d revela que os três se conheceram em 2019, através do Tinder, um aplicativo para encontros e relacionamentos:

**@trisal.d:** *Foi uma escolha de quem era um casal antes: Laura e Lucas. A Júlia veio depois de quase dez anos de casados. Queríamos alguém pra somar. Conversamos muito sobre isso antes, estabelecemos nossas regras e conhecemos ela. Tivemos uma conexão tão incrível que fomos morar juntos em um mês. E cá estamos há quase 3 anos!*

Perguntas sobre sexo formuladas pelos seguidores são bem recorrentes, desde a curiosidade do público em querer saber sobre o tamanho da cama e posições sexuais dos integrantes. Dúvidas a respeito de se transam sempre juntos ao mesmo tempo se repetiram várias vezes. Seguem algumas respostas:

**@trisal.v:** *Sim, somente os três juntos. É um combinado: sexo só quando estamos juntos.*

**@trisal.d:** Às vezes a 2, às vezes a 3, às vezes sozinho. Rola a dois quando um não está. Quando os três estão em casa é sempre a três.

**@trisal.e:** Sexo a dois também rola, rola até vídeo chamada para fazer inveja pra quem não está.

Este último perfil ainda relata sobre situações interpessoais quando um dos integrantes não está presente:

**@trisal.e:** Às vezes um de nós quer estar mais com um outro, apenas. Seja por questões de bagagem de vivência e sentimentos, seja por conta de semelhanças em algum aspecto individual de personalidade. E aí a gente precisa sempre deixar claro para o terceiro que não estará naquele momento que isso não representa mais ou menos amor ou diminuição do papel de algum na relação. Mas para lidar com esses momentos, somente muito diálogo. Muita terapia também pra desconstruir os padrões relacionais que somos criados a vida inteira.

### 3.3.2.2 Cabe +1?

Outro questionamento repetido sobre os trisais discute eventuais (des)interesses em aumentar o número de integrantes na relação:

**@trisal.d:** Já recebemos alguns pedidos, mas por enquanto preferimos permanecer apenas nós mesmos! Como o nosso formato é em triângulo (relacionamento fechado entre os três), a gente acredita ser bem difícil todo mundo se apaixonar por uma nova pessoa! Já é difícil a 3, a 4 não consigo nem imaginar.

**@trisal.t:** Ainda mais depois do instagram. De vez em quando aparece alguém querendo fazer parte da relação. Podemos nunca ter idealizado o trisal, mas hoje é o nosso número e estamos felizes assim.

**@trisal.a:** A nossa relação é fechada, ninguém entra e ninguém sai.

Essas relações demonstram autonomias e liberdades coexistindo com regras e negociações, inclusive desmistificando mitos que apenas a monogamia seria objeto de regulação e que a proliferação de novos relacionamentos estaria imune às viralizações.

Estímulos-comunicações-relacionamentos poliafetivos também são atravessados por heranças hegemônicas-estigmatizantes. Estas, inclusive, tornam-se fontes de cocriações para novos mecanismos de ataques-defesas.

### 3.3.2.3 Dificuldades, desafios e estigmas

O *online* e as ferramentas dispostas pelas redes sociais facilitam ao público julgamentos e opiniões (des)agradáveis. Os juízes morlistas da internet se instalam e o ambiente digital torna-se mais um espaço de vulnerabilidade.

A competição por engajamento e visibilidade em redes (des)sensibilizam intimidades. Dificuldades nos trisais são discutidas e expostas ao público. Um seguidor questiona: “quais foram os piores desafios para a relação?”

**@trisal.d:** *Ciúmes no início, adaptação desse relacionamento em plena pandemia e família. Nossas vidas não é esse mar de rosas que postamos aqui, já passamos por muitas crises, brigas e discussões.*

Outro seguidor pergunta: “qual pior desafio da vida a três?”

**@trisal.d:** *O mais difícil é lidar com os julgamentos das pessoas de fora do relacionamento. Muita gente contamina nossa mente.*

Os ciúmes estão elencados como bloqueios e medos assumidos pelos seguidores em tentarem relações poliafetivas nos sentidos amoroso-afetivo-sexual. Sendo assim, surge a curiosidade do público em relação à interferência ou não desse sentimento nas relações triádicas. Seguem algumas respostas dos trisais sobre administração dos ciúmes em seus relacionamentos:

**@trisal.d:** *“Nós somos três, porque escolhemos ser três. Aqui não tem espaço para disputa, ciúmes! A gente conversa sobre tudo, inclusive o que nos incomodava. Acredito que o diálogo facilitou muito nosso convívio. Terapia também ajudou muito. Desenvolvemos juntos regras para que a relação funcionasse.*

**@trisal.e:** *Até hoje ainda rola ciúmes, mas temos entendimento de que é um caminho completamente novo e trilhamos ele sempre com muito cuidado, respeito e acolhimento uns com os outros. A gente costuma combater isso com muita conversa em grupo e redes de apoio para tentar entender de onde vem esses ciúmes e trabalhar isso.*

**@trisal.t:** *Nós percebemos o amor de uma outra maneira. O aspecto de comparação não cabe no que o amor representa para nós. Óbvio que cada um tem suas particularidades. Os gostos e afinidades mudam de uma parceria para outra, mesmo que seja dentro do trisal. Mas isso não significa que um é mais amado que o outro. O que é sentido é o amor, e esse não cabe comparação e nem balança. O amor só é amor.*

A maioria dos relacionamentos analisados partiu de uma relação conjugal inicial antes de se constituírem em tríade. As experiências dos trisais expostas tornam-se

referências e influências para o encontro de desejos dos seguidores que buscam se relacionar através de novos estilos e aprender a adaptar as novas parcerias com as relações já existentes, sem esquecer da subjetividade, singularidade e desafios presentes em cada relacionamento.

Em diversas perguntas não fica explícito se o autor da questão se identifica ou não com o poliamor, nem mesmo se já vivenciou alguma relação poliafetiva. Estigmas e aceitação pública são dúvidas e medos frequentes desses seguidores, em especial sobre quais dificuldades e cuidados quando a esconder ou revelar as relações triádicas experienciadas.

Questionados sobre como é ser um trisal, o @trisal.d esclarece:

**@trisal.d:** *A questão em si não é só ser trisal, mas é ser um trisal público. É muito julgamento, muito apontamento. Mas também é amor, companheirismo e cuidado em triplo.*

A palavra “público” usada no trecho acima está relacionada ao espaço digital. Pois quando outro seguidor questiona se as pessoas julgam esse mesmo trisal em ambientes públicos presenciais, encontramos uma diferenciação, indicando as particularidades que os espaços *on line* e *off line* implicam:

**@trisal.d:** *Nunca sentimos julgamentos em público [off line]. Sempre fomos reservados quanto a isso.*

Estar mais-menos reservado difere em cada relacionamento e espacialidade considerados. Os motivos são diversos e particulares. Enquanto o @trisal.d encontra-se mais reservado em ambientes públicos presenciais, outros trisais relatam suas experiências de exposição neles:

**@trisal.a:** *Como ter vergonha de um amor tão lindo assim? Encontrar o amor e os melhores amigos em um combo só, isso é raro. Quando se encontra esse tipo de conexão, respeito e carinho não podemos deixar escapar, independente da opinião alheia.*

**@trisal.e:** *Quem vê a gente na rua percebe que estamos em três. Inclusive isso frequentemente causa um ‘desconforto’ nos mais preconceituosos.*

Além da distinção entre o contexto público presencial e digital, o campo familiar e suas desestruturas tornam-se uma das primeiras etapas problemáticas em torno da

(não) revelação dos integrantes das tríades. Os trisais descrevem algumas dessas situações e desafios com seus familiares:

**@trisal.e:** *Sobre família, hoje temos duas que já sabem quase que completamente sobre nossa relação. Nessas duas famílias, os pais são mais resistentes. Acreditam que essa forma de se relacionar não funciona e foram bem sinceros quanto às preocupações que têm. Mas não se colocam em posição de brigar e respeitam nossa escolha. Já na minha família, por enquanto apenas minha irmã sabe e respeita a escolha. Com meus pais é um processo um pouco mais lento, por questões de religião, que afetam bastante a forma como eles acreditam que devem ser as coisas. Então estamos nesse processo de forma cuidadosa e gradual. Aos pouquinhos vamos buscando introduzir nosso trisal nas dinâmicas do dia a dia, sem forçar aceitação imediata.*

**@trisal.t:** *Preconceito existe sim, tanto com amigos, familiares, aqui nas redes sociais. Mas o importante é como a gente lida. E a gente simplesmente não se importa. Apenas quando são pessoas próximas como a família que acaba sendo mais desafiador. Mas hoje as coisas estão melhores!*

Enquanto Rafael do **@trisal.d** conta que a reação de sua família foi “bem tranquila”, as outras duas integrantes desse trisal possuem reações adversas com seus familiares:

**@trisal.d (Sabrina):** *No início foi muito difícil. Mas agora depois de 3 anos eles já respeitam, o que já é um começo.*

**@trisal.d (Laura):** *Pra minha família foi só a maior decepção e vergonha da vida deles. Ficamos quase dois anos sem nos falarmos. Mas dei o tempo deles e hoje está tudo sob controle. Mas não procuram saber do meu relacionamento.*

Os laços familiares não se constituem apenas por acolhimento, mas (in)diferenças são postas entre apertos e folgas, (des)estruturando projeções sobre apoio e segurança. As portas do íntimo tornam-se reféns de códigos familiares.

No campo familiar, para as relações não monogâmicas alcançarem a qualificação de “decentes” e “apropriadas” desejada, implica na adoção de regras e configurações padronizadas, inclusive com potencial de fragilização dos relacionamentos poliamoristas que lutam pela existência.

Além das distinções entre o digital e presencial, percebemos também os mecanismos de estigmatização das relações não monogâmicas expostas no ambiente *on line*. O **@trisal.m** expôs algumas críticas de internautas que ultrapassam o campo

digital, atingindo também diversos âmbitos individuais-interpessoais-sociais. Xingamentos estigmatizantes são publicados e compartilhados por internautas quando visualizam os perfis de indivíduos poliamoristas:

*Cadeia pra eles!*

*Isso é putaria camuflada!*

*Suruba noventa!*

*Inferno puro!*

*Povo maluco!*

*Vão se tratar!*

*Horror!*

*Nojo!*

*Acabou o tempo em que família significava alguma coisa!*

As exigências estabelecidas pelo modelo monogâmico se refletem nas reações veiculadas no espaço *on line* diante dos relacionamentos poliádicos. Em uma postagem pública jornalística sobre a construção familiar do @trisal.m, várias críticas de internautas foram direcionadas para uma eventual gravidez no trisal e o futuro da criança. Seguem algumas:

*Irão fazer a criança passar essa vergonha mesmo?!*

*Pior que vai sobrar pra escola lidar com uma situação dessa!*

*Explicar o que pra essa criança quando ela tiver entendimento?!*

Os estigmas apoiados em preceitos religiosos se destacam em comentários de internautas sobre os trisais:

*Isso é obra do Diabo!*

*Esse povo vai ter que prestar muita conta a Deus!*

*Satanás continua querendo mudar as leis de Deus.*

*Vão se converter, pelo amor de Deus.*

*Absurdo! Que Deus tenha misericórdia desse povo, todos fora da lei do homem e principalmente da lei de Deus!*

*Quando Jesus voltar à terra, esse trisal será a primeira coisa que ele vai tentar arrumar na humanidade. Ele irá tentar diminuir a safadeza.*

*Esse mundo já era. Falam que Jesus vai voltar, mas Jesus está é com vergonha!*

Preconceitos e estigmas são disseminados nas redes digitais, mas esses espaços também se desenvolvem como meios e oportunidades para conquistar visibilidade e apoio a relacionamentos poliafetivos.

O @trisal.d questionou para seus seguidores: “*Por que você segue nosso perfil?*”. Algumas respostas dos seguidores (destacadas pelo próprio trisal), elegem o amor como elemento atrativo:

*Acho que além de trisal, vocês ensinam como é o amor.*

*Seguir vocês é inspiração. É gratificante ver que o amor não tem fronteiras e é lindo em todos os formatos.*

*Gosto de ver amor em todas as formas. Amo a felicidade alheia!*

Outros comentários indicam o trisal como influência para auxiliar com questões e descobertas íntimas, lidar com preconceitos e experiências não-monogâmicas:

*Faço parte de um trisal e vocês nos ajudam muito.*

*Amor é liberdade, respeito e afeto. Quebrei vários preconceitos seguindo vocês. Família linda!*

*Gosto de aprender e respeitar todos os tipos de escolhas que meus filhos ou qualquer pessoa queiram viver.*

*Para mim é algo novo. Tenho três filhos e quero estar preparada para tudo. Vocês são só amor.*

*Não posso ficar parada no tempo, preciso entender e aceitar toda forma de amar.*

Como vimos acima, o aparato tecnológico-digital, com suas ferramentas e influências, pode auxiliar os ‘desviantes’ na conquista de reconhecimento e apoio. Isso não significa que as extensões digitais estão imunes às violências. Acúmulos de informações que as redes sociais conseguem captar, estimulam poderes e (des)controles nos seus usuários.

### 3.3.2.4 *Tinder de Trisal*: propagandas e currículos

Ao menos dois perfis dos trisais selecionados para serem observados (@trisal.d e @trisal.m) elaboraram postagens semanais públicas, intituladas de “Tinder de Trisal”, despertando interesses e influenciando campos de encontros e relacionamentos divergentes em relação aos padrões monogâmicos. A interação inicial acontece através dos comentários entre usuários e seguidores desses perfis de trisais.

Os usuários interessados se apresentam com declarações sobre si e currículos: nome, idade, gostos, desejos e requisitos aos interessados. Selecionei duas postagens referentes ao *Tinder de Trisal*: uma do @trisal.d, que teve 180 comentários; e outra, do @trisal.m, com 340 comentários.

Com auxílio do software online *WordClouds* foi possível produzir “nuvens” expondo as palavras que mais se repetiram nos comentários de cada postagem selecionada. Seguem duas amostras das nuvens referentes a cada postagem:



**Fig. 8:** *WordCloud* "Tinder de Trisal", @trisal.d  
**Fonte:** <https://www.wordclouds.com>



**Fig. 9:** *WordCloud* "Tinder de Trisal", @trisal.m  
**Fonte:** <https://www.wordclouds.com>

A nuvem se conFig. da seguinte forma: quanto maior a fonte com a qual a palavra aparece e mais intensa sua coloração, maior o número de repetições observadas nos comentários feitos por usuários da plataforma. Diante dessas configurações, algumas palavras obtiveram mais destaque, inclusive em ambas as nuvens: *casal*; *mulher*; *anos*; *procura*; *relacionamento*; *hétero*.

Seguem alguns comentários ilustrativos da produção desses destaques:

*Me chamo Letícia e estamos procurando uma terceira pessoa pra juntos quebrarmos todos esses estigmas da sociedade. Meu parceiro tem 58 anos, hétero e eu tenho 40 anos, bissexual, estamos há procura de mulheres.*

*Casal em busca de uma namorada para viver um tão sonhado trisal. Será que agora achamos nossa princesa?*

*Procuramos mulheres para bons momentos e quem sabe um relacionamento sério.*

*Somos divertidos, gostamos de sair para barzinhos, passeios em shopping, churrasco com amigos. Temos um ótimo nível intelectual. Adoramos ir para praia e viagens. Temos duas filhas. Procuramos uma pessoa que queira passar momentos gostosos e românticos conosco e quem sabe algo a mais! Muito respeito, amor e carinho!*

*A procura de conhecer pessoas novas. Queremos uma pessoa legal para dar rolê com a gente e estar perto. Não procuramos bagunça.*

*Casal independente e bem resolvidos amorosamente. Estamos buscando uma mulher maravilhosa, extrovertida, diferenciada. De bem com a vida. Idade entre 20 e 35 anos. Aqui tem parceria e cumplicidade.*

*Tenho 36 anos, sou bissexual. Meu love tem 66 anos com carinha de 50 e é hétero. Se a gata for de outro estado e estiver disposta a viajar pra cá nos conhecer pessoalmente, será muito bem-vinda!*

*Somos um casal de Recife, adepto do Poliamor. Estamos em busca de uma conexão sincera com uma garota especial. Não procuramos sexo casual, mas sim algo real e profundo, onde possamos compartilhar momentos baseados em respeito, confiança e muito afeto. O resto deixamos por conta da química.*

*Somos um casal sem filhos, apaixonados pela vida, amamos viajar e conhecer outras culturas. Buscamos uma amiga independente e com bom nível cultural (que saiba a diferença entre "mas" e "mais", por favor) e se rolar química, o céu é o limite. Observação: se não gostar de doguinhos vira-latas, nem escreva pra gente...*

*Estamos em busca de nossa terceira metade da laranja. Cadê vocês meninas?*

*Se você é mãe, não se preocupe, nós também somos pais. Estamos buscando mulher bissexual com quem tenhamos afinidades para sermos*  
3.

*Moramos na Europa a quase 5 anos, então Brasil só mesmo de férias. Procuramos uma mulher, mas acima de tudo procuramos ligação, alma, parceria para a vida. Que cresça e lute junto com a gente aqui na Europa.*

São diversas opções e possibilidades. Mas durante percursos de análises dos comentários e perfis das postagens, ficou demonstrado uma frequência maior de usuários que já estão conjugados e buscam pela terceira pessoa com a seguinte proposta: um casal inicial formado por um homem hétero e uma mulher bissexual, ambos em busca de uma mulher bissexual para compor a tríade desejada.

Alguns influenciadores digitais não-monogâmicos justificam o predomínio disparado desse modelo tríade (duas mulheres bissexuais e um homem hétero) por motivos e resquícios de culturas machistas, na qual a aceitação da bissexualidade feminina é mais tranquila, enquanto estigmas dificultam aberturas sexuais dos homens.

A não-monogamia torna-se objeto e objetivo de diversos usuários, desde os primeiros mergulhos com o (des)conhecido às experiências e aprendizados colhidos durante (des)construções monogâmicas:

*Sonho em formar um trisal. Sou casada e mãe de 4 filhos, mas meu casamento não está bom, quero me separar e para então encontrar meu casal que goste de crianças e esteja disposto.*

*Casal de Brasília sonhando em ser trisal um dia...*

*Adeptos do relacionamento a 3, já vivemos um, porém, apesar de ter sido maravilhoso, não deu certo, hoje estamos aqui em busca de uma mulher que se interesse em nos conhecer, de Barueri ou região. Eu sou chato, ela é divertida, amorosa e extrovertida. Gostamos de beber, sair e passar o tempo jogando conversa.*

*Vivo já em uma Relação NM com minha parceira e temos liberdade para vivermos algo juntos ou separados... afinal ninguém deve ser obrigado a ter que aceitar um Casal se gostar apenas de um e somos bem resolvidos em relação a isso... gosto de fazer amizades e cultivar o afeto mútuo em continuidade ou seja em poder construir o amor que requer frequência afetiva de ambas as partes... então não é sobre sexo mas sobre afeto e amor envolvidos... me identifico como Demirromântico que gosta de cultivar Conexões...*

*Casal a procura de mulher para fazer parte de nossa família. Já tivemos experiências que não deram certo pelo simples fato das pessoas não estão procurando algo duradouro, nós queremos relacionamento sério, morar e conviver em família. Se você estiver querendo isso, mande mensagem.*

*Oi, somos um casal de mulheres, Marina e Maria, do Rio de Janeiro. Estamos juntas há 8 anos. Já tivemos um trisal por 2 anos. Estamos em busca de conhecer mulheres legais, de bom papo, que curtem música boa, cerveja e risadas!*

Mesmo que o foco das postagens do *Tinder de Trisal* seja a formulação de relacionamentos tríades, percebi a existência de usuários que aproveitam essas postagens como oportunidade para buscarem amizades, conversas e saídas sem a obrigação e compromisso em formalizar relacionamentos/tríades duradouros:

*Somos um casal e queremos conhecer alguém legal para amizade e deixar rolar. Nunca tivemos experiência, mas temos curiosidade...*

*Casal de meninas, a procura de meninas para relacionamentos ou amizades...*

*Somos um casal em busca de aventuras, regadas a bebidas, boas conversas e lindas risadas!*

As postagens também se tornam palco para relatos de usuários com teor de frustrações, arrependimentos e desistências após experiências não-monogâmicas:

*Cansamos de tentar algo a 3. Muita gente sem inteligência afetiva. Mas se alguma mulher tiver a fim de sair pra uma date comigo ou com ela é só chamar; Se der match nos 2 a gente marca a 3.*

*Aí cansei disso! Parabéns para vocês e boa sorte a todos! Vou dar um tempo disso, se for para ser um dia será!!*

*Não estou achando uma pessoa, quem dirá duas...*

*Estamos entre desistir e tentar umas amizades coloridas. Por que é difícil compartilhar amor?!*

*Já estive em um trisal. Agora estou só e falar pra vocês: não é fácil não! Amor a três é muito bom e muito intenso, mas se vocês não estão preparados não entrem, pois tudo é dobrado: o amor e também a decepção quando acaba...*

*Nós estamos procurando alguém para viver isso de verdade, mas só aparece pegação. Eu e meu esposo já estamos desistindo, porque o povo só quer enrolação.*

*Muita gente confundindo as coisas, querendo só fazer um ménage. Formar um trisal sério está realmente difícil. Eu e minha esposa queremos um relacionamento sério com uma mulher. Mas não queremos apenas sexo. Estamos seguros do que queremos. Estamos abertos a conversar e conhecer novas amizades para ver evoluir e virar relacionamento.*

Alguns desses comentários relatam dificuldades durante a busca por parceir@s, em especial quando usuários não demonstram confianças, além de interesses insuficientes para relacionamentos sérios e duráveis esperado por diversos usuários.

Mesmo diante dificuldades e limitações, desejos e perseveranças ganham oportunidades com as postagens e são expressos em alguns comentários:

*Eu e meu marido estávamos buscando nossa terceira pessoa há sete anos. Ano passado finalmente a encontramos. Não desistam! É difícil encontrar, mas vale a pena cada segundo de espera!*

*Ainda não perdemos a esperança em encontrar uma parceira pra multiplicar com a gente. Embora está bem difícil.*

*Hoje é meu aniversário e eu só queria completar meu trisal.*

*Quase desistindo, mas vamos tentar mais uma vez. Somos um casal de Brasília, gostamos de sair com as amigos para barzinhos, assistir um filme no cinema. Estamos em busca de um relacionamento sério com mulher. Chama no PV e vamos conversar.*

*Está muito difícil achar alguém que queira algo realmente sério, mas estou na tentativa.*

*Casal a procura de uma mulher para fazer parte da nossa família, já tivemos experiências que não deram certo pelo simples fato de não estarem procurando algo duradouro, mas nós queremos relacionamento sério, morar juntos, conviver em família mesmo.*

Em questões de *clicks*, os comentários são publicados, socializando comunicações. As idealizações do *match* perfeito estimulam redes e algoritmos. Além da escrita digital, explorar outros recursos e instrumentos para performances digitais entram em (des)atualizações: chamadas de vídeos, áudios, nudes e linguagens em transFig.ções são alguns exemplos.

Inúmeros *sites* e aplicativos de relacionamentos demonstram a construção de realidades digitais empreendendo sobre relações interpessoais, “capitalizando corpos”<sup>22</sup>, comercializando afetos e desejos. Produtos digitais são tarifados com propagandas e publicidades impulsionando investimentos, acessos e viralizações.

---

<sup>22</sup> O corpo como capital precisa de cuidados, preservação e movimentos para produção e dividendos (GOLDENBERG, 2006).

### 3.3.2.5 Grupos Não-Monogâmicos

A utilização do rótulo “não-monogamia” desde o início desta pesquisa remete a processos e transformações, não significando o cancelamento e a exclusão de determinado sistema tão facilmente, mesmo que se observe o aumento da visibilização de divergências referidas ao modelo socialmente hegemônico de acasalamento e cresça o montante de informações sobre elas através da internet. O desenvolvimento desta pesquisa demonstra o sistema monogâmico como parâmetro-paradoxo indispensável para acessar informações sensíveis às aventuras sociais e rastros sobre diferentes arranjos de relações amorosas-afetivas-sexuais .

Diante das diversas alternativas e indicações providas pelo próprio *Instagram*, o perfil público da @comunidade.nao-mono, com temáticas poliamoristas chamou minha atenção durante o trabalho de campo digital, promovendo reflexões e (des)conexões.

O perfil dessa comunidade foi lançado desde 2018, com a administração de duas pessoas que trabalham como psicólogas e terapeutas de relacionamentos. Inclusive, antes da criação desse perfil na plataforma do Instagram, palestras e *workshops* presenciais sobre temáticas não-monogâmicas já eram ofertadas pelas administradoras.

Além de publicações informativas, o perfil fornece *lives* públicas com duração média de sessenta minutos, pelo menos uma vez por semana, com debates e interações através da formulação de perguntas-reflexões feitas pelos seguidores às administradoras sobre um tema pré-determinado, no campo do que é chamada na referida comunidade de “Não Monogamia Ética” (NME).

A Não Monogamia Ética discutida pela administração do perfil da comunidade supracitada sugere como seu objetivo “o desenvolvimento da autonomia afetiva pessoal e dinâmicas relacionais saudáveis, desestruturando possessividade e controle firmados no sistema monogâmico”.

O foco se concentra na liberdade em escutar os desejos dos participantes, inclusive sobre não querer se relacionar com ninguém. A proposta da ética em contato com a não-monogamia fundamenta-se em elementos descritos no perfil como: cuidado, comunicação, honestidade e transparência entre os envolvidos.

Acompanhei a @comunidade.nao-mono durante o ano de 2022 e ela já ultrapassava a marca de quarenta mil seguidores. Ao longo desse ano de análises,

ocorreu a divulgação de encontros gratuitos, como piqueniques e rolês presenciais incentivando ao debate e encontros entre pessoas afins com a temática “não mono” (data e local são divulgados com antecedência).

Registros divulgados (vídeos e imagens) de alguns dos encontros demonstraram a variação do número de pessoas que compareciam: pude observar encontros dos quais participavam apenas três pessoas até outros que engajavam trinta pessoas.

O perfil foi ganhando proporção e influência em desenvolver “núcleos regionais” com auxílio de coordenadores voluntários e capacitados pela administração da comunidade, promovendo encontros locais por várias regiões do Brasil, com o intuito de incentivar a informação, visibilidade e desenvolvimento de comunidades não-monogâmicas.

Responsabilidades individuais, coletivas e investimentos são necessários para quem busca adentrar na perspectiva não-monogâmica. A monetização dos perfis online estipula preços e metas: desde a venda de ingressos para o acesso a grupos de apoio e informação; conversas terapêuticas *online* individual e conjugal; além de pacotes e assinaturas pré-pagas para rentabilidade da comunidade. Divulgação, exclusividades, cupons e descontos são algumas das recompensas para perfis que auxiliam com a sustentabilidade econômica da comunidade.

São diversas as propagandas no meio digital desenvolvidas pelos perfis e comunidades não-monogâmicas, gerando monetização e potencializando influências às redes e produtores de conteúdos. Vamos destacar alguns desses meios: o primeiro, as “Conexões Digitais”, transmissões por vídeo-chamadas com compartilhamento e discussões sobre temas e experiências envolvendo modos de experienciar a não-monogamia. Noventa minutos é a duração média da conexão e o acesso ocorre através da compra de ingresso individual com validade para um encontro:

**@comunidade.nao-mono:** *Se sente sozinho@ vivenciando a não monogamia? Está procurando pessoas não mono para se conectar? Seus problemas acabaram! Com a intenção de criar espaços seguros para partilha, acolhimento e também para fortalecer as conexões da comunidade, nós disponibilizamos e organizamos esse espaço virtual para que vocês possam ter um encontro semanal com pessoas que vivenciam ou desejam vivenciar a não monogamia.*

O segundo, as “Conversas Terapêuticas”, respondendo a demandas de trisais e de indivíduos que estão enfrentando angústias, incertezas e conflitos em seus relacionamentos não-monogâmicos. A conversa é online e tem duração de uma hora:

**@comunidade.nao-mono:** *“O objetivo da terapia de casal é para que ele possa ficar bem e se há o desejo de continuar juntos. A terapia de casal não tem o propósito de ‘salvar casamentos’ ou fazer as pessoas ficarem juntas a todo custo. Na verdade a terapia de casal também pode ser muito útil em um processo de separação.*

Nessa modalidade me chamou a atenção o ‘lapso freudiano’ indicado pelo uso da expressão “terapia de casal” e não “terapia de trisal”, o que pode ser interpretado que mesmo mobilizando uma interpelação para indivíduos que circulam no espaço das relações não monogâmicas, persiste a força do modelo diádico.

Observando-se as dinâmicas da referida comunidade, podemos depreender que o trabalho digital com esse nicho está se expandindo. A utilização e venda de terapias direcionadas a indivíduos em relações não-diádicas ou interessados em experimentá-las torna-se um tema crescentemente procurado na internet.

A @comunidade.nao-mono promoveu um evento online ao vivo durante três dias sobre não-monogamia, direcionado a especializar profissionais da Psicologia e qualificar seus atendimentos. Vejamos o anúncio publicado (inclusive com o mesmo lapso freudiano):

**@comunidade.nao-mono:** *Se você deseja se tornar mais preparado e informado para atender indivíduos e casais que estejam vivenciando novos formatos de relações afetivas não normativas, você precisa se inscrever nesse evento!*

Esse evento pode ser lido como um sinal do funcionamento social da máquina de produzir regulação e normalização. Essa máquina nunca para, oferecendo no caso elementos para a inteligibilidade e modos de formatações e programações aos sujeitos e seus relacionamentos divergentes do padrão diádico de relações amorosas-afetivas-sexuais.

### 3.3.2.6 Close Friends

Outro ponto que trago para os/as leitores/leitoras é o que apareceu quando um trisal foi questionados sobre o que une e o que não pode faltar em uma relação triádica:

**@trisal.d:** *O que mais une, além do amor, é a vontade de permanecermos juntos. E o que não pode faltar é respeito e dinheiro, porque viver em trisal é muito caro.*

O dinheiro se destaca como um dos sustentos para as relações. Assim, alguns perfis dos trisais analisados aproveitam as (in)visibilidades sobre seus relacionamentos para empreenderem no meio digital, elaborando estratégias para capitalização online, explorando e se adequando com as principais características e preferências de sua audiência.

O @trisal.a, por exemplo, criou dois meios para captação de assinaturas/seguidores: o primeiro se chama “Close Friends”, inspirado em uma ferramenta do próprio *Instagram*, que adaptado para o português significa “Amigos Próximos”. Essa ferramenta oferecida pelo trisal possui assinatura mensal e é utilizada para divulgação de conteúdos exclusivos, íntimos e sensuais sobre a relação. Vejamos o anúncio:

**@trisal.a:** *O Close Friends foi criado para nos aproximar ainda mais de vocês! Temos conteúdo exclusivo sobre nosso dia a dia, mostramos como é essa maravilhosa experiência de viver a três e um pouco da nossa intimidade, com pegada bem sensual. Após a assinatura é só nos acompanhar e interagir: comenta e manda perguntas em nossas caixinhas exclusivas. Aqui o espaço é nosso!*

Outra ferramenta vendida pelo @trisal.a foi inspirada no aplicativo *Tinder* para encontros e relacionamentos. Diferente do “Tinder de Trisal” analisado anteriormente, esta versão apresentada pelo @trisal.a demonstra restrições ao captar seguidores que preferem mais privacidade e “sigilo” sobre suas identidades e interesses interpessoais.

**@trisal.a:** *Nosso Tinder é um grupo para quem deseja ter relações poliafetivas, lances casuais e para conhecer pessoas do meio! Os participantes podem se apresentar quando entrarem, interagir, conversar no privado desde que seja interesse de ambos os participantes. Podem mandar fotos e vídeos desde que não descumpram as regras do grupo, fazer amigos e se divertir!*

Esse grupo possui assinatura vitalícia (taxa única) e torna-se ambiente para interação entre os integrantes, desde que respeitadas as regras e proibições:

**@trisal.a:** *Não pode: nudes, pornografia, mensagens com conteúdos de brincadeiras, piadas, racismo ou ativismo político; proibido também*

*ofender qualquer membro do grupo, propaganda e vendas de produtos ou serviços, divulgar imagens ou contatos dos participantes. O desrespeito a qualquer dessas regras tem como sanção o banimento do sujeito do grupo!*

O @trisal.d também oferece a venda para participação de dois grupos com intuito de conectar pessoas afins em formar trisais, *swing* e relacionamentos poliafetivos: enquanto um grupo possui restrições ao conteúdo compartilhado, o outro grupo é chamado de “+18”, sendo liberada a divulgação de conteúdos e informações com teor sexual explícito. Para participação dos dois grupos é cobrada uma taxa única. Conforme informações da administração, os grupos já comportam mais de mil pessoas do Brasil e de diversos outros países.

### 3.3.3 (In)finalidades

Durante o acompanhamento dos dez perfis de trisais, observamos que ocorreram separações, exclusões e desaparecimentos de alguns desses perfis. Ao menos quatro perfis comunicaram para seus públicos sobre a desconFig.ção dos relacionamentos em tríades. Seguem alguns destaques sobre os relacionamentos que se dissolveram e curiosidades do público após o fim dos trisais:

3.3.3.1 @trisal.c: relacionamento composto por três mulheres, contendo o perfil a exposição do dia a dia das integrantes e suas relações, até que uma delas sai da tríade. As outras duas integrantes permaneceram como casal. Sobre o término, o casal que permaneceu revelou aos seguidores:

*@trisal.c: As coisas não são fáceis em uma relação a três. Vamos naturalizar o fim das relações, principalmente de trisais! Somos normais, gente, com dores e cicatrizes. Foi eterno enquanto durou. É uma experiência única, é algo que te amadurece demais. Mas se não tem certeza ou se quer entrar apenas porque é bonitinho, não entrem.*

Inclusive, após o término desse trisal, foram questionadas por um seguidor: “se gostarem de alguém, formariam outro trisal?”:

*@trisal.c: Eu não vou dizer não, nem dizer sim. Mas vai que minha companheira se apaixone por aí. Nossa relação é primeiramente de amizade, sempre deixo ela bem livre pra escolhas. O combinado não sai caro pra ninguém.*

Posteriormente, o perfil @trisal.c desapareceu sem explicação.

3.3.3.2 **@trisal.o**: relacionamento era entre três homens. Um dos integrantes decidiu sair da relação triádica. Os outros dois integrantes permaneceram como casal por alguns meses. Logo após, houve o término também dessa relação. O perfil continua ativo com administração de um dos integrantes expondo sua nova relação díadica.

3.3.3.3 o **@trisal.d** e **@trisal.m**, mesmo com a desconFig. de suas tríades, duas integrantes de cada relação permaneceram como casais, inclusive continuando com os mesmos perfis ativados, explorando sobre a temática não-monogâmica e como estão administrando a nova fase de seus relacionamentos.

As integrantes do **@trisal.m** decidiram mudar o nome do perfil após o fim da tríade para: **@m.e.m**. Já o **@trisal.d** pretende permanecer com o mesmo nome, diante o reconhecimento do público e solidificação da *tag*.

Antes mesmo da separação do **@trisal.d**, um seguidor já tinha questionado: “se o integrante da relação largasse vocês duas, vocês continuariam sem ele?”

**@trisal.d**: *Já havíamos conversado sobre esse assunto, e talvez se isso acontecer, acho que seremos amigos. Se um de nós decidir não continuar com o relacionamento, creio que as duas pessoas que ficarem juntas, talvez não daria certo. Mas não tem como saber, pois não pensamos em terminar.*

Meses depois, o perfil anunciou:

**@trisal.d**: *Não somos mais um trisal, mas eu e minha companheira seguiremos juntas! Foi uma decisão em conjunto, e quero deixar vocês cientes.*

Após esse discurso e diante curiosidades do público: “quais motivos da separação?”, “quem decidiu terminar a relação?”, “quais chances de retorno e se viveriam um trisal novamente?”, as integrantes respondem:

**@trisal.d**: *Sobre o término, ações do outro integrante levaram a esse resultado. Não estávamos mais alinhados, então a culpa do término foi dele. Não pensamos em voltar a ser um trisal com ele e ainda não sabemos se pretendemos ter um trisal novamente, é tudo muito recente. Estamos vivendo o luto, afinal: todo fim é um luto por algo que você perdeu.*

Em relação ao perfil das integrantes @m.e.m houve a seguinte exposição online sobre o fim do trisal:

*@m.e.m: Pregamos e acreditamos que para qualquer relação dar certo, sendo ela monogâmica ou não, a regrinha básica é: cumplicidade, fidelidade e respeito. E uma vez que falta uma dessas coisas (ou todas) não faz sentido continuar. Então por respeito a vocês que sempre nos acompanharam e torceram por nós, comunicamos que nosso relacionamento como trisal chegou ao fim. Nós duas seguiremos juntas e com este perfil. O ex-integrante dividirá conosco apenas os cuidados com nossos filhos.*

Diante das influências desses perfis sobre milhares de seguidores, as desconfigurações dos trisais repercutiram também em outros perfis com temáticas não-monogâmicas, estimulando o público a refletir sobre idealizações e estigmas relativos a relacionamentos poliafetivos.

## DE-COMPOSIÇÕES

Estamos sujeitos vulneráveis às lágrimas e de-composições. Durante mergulhos, páginas e mudanças de tons, enfrentamos emoções, desejos alheios e (des)conhecimentos de nós mesmos. Expusemos esboços e bastidores de programações que sensibilizam relações amorosas-afetivas-sexuais, estimulam a criatividade humana e abrem brechas para novas investigações.

Sonhos e animações em busca de realidades-fantasia. Carnes cruas e feridas nuas expostas às dinâmicas sociais. Incidência sinuosa de regimes hegemônicos de relações amorosas-afetivas-sexuais.

Questionamos a visão hegemônica, buscando ver a pluralidade de histórias e de coexistência de seres em diferentes ritmos. A revisão bibliográfica sobre o tema das relações não monogâmicas despertou reflexões sobre os processos pelos quais a sociedade/cultura regulamenta, (des)conecta, (des)carrega o desejo e suas expressões entre os indivíduos.

Capturamos algumas hegemonias e seus instrumentos para castrações e “estabilização” do caos da vida social, orquestrando padrões, hábitos, legalidades, concepções de normalidade e de desviância em que nos (des)carregam, observamos ameaças-violências decorrentes de comparações e hierarquizações de espécies, gêneros, performances-relacionamentos.

Corpos e emoções sob os efeitos de fluxos de negociações e contratos (in)conscientes condicionando identidades fixas, binarismo e intransitividade. (Peri)gozos refletem e desafiam equilibrar a individualidade com fusões e fissões interpessoais. Faíscas, implosões e experimentações são elementos construídos como linhas de fuga às forças sociogênicas da normalidade.

Seguimos Vasallo (2018) em seu destaque da apologia da exclusividade sexual e de construções sociais das relações amorosas-afetivas-sexuais atravessadas por compromissos simbólicos e mecanismos de dominação, produzindo pânico social e drama sobre as relações interpessoais, impondo medos e penalidades aos corpos e desejos estigmatizados dos sujeitos.

Temas como ciúmes, (in)fidelidade e exclusividade foram alguns rastros associados à monogamia e suas compulsões como sistema, influenciando a montagem de relacionamentos sentimentais e sexuais através de cobranças, monitoramento e controle do(s) outro(s). Também refletimos através de recortes de

exposições online sobre como indivíduos e redes não-monogâmicos estão enfrentando e se comportando diante desses assuntos.

Mecanismos e padrões de dominância no campo das relações amorosas-afetivas-sexuais estão em de-composição? Relacionamentos interpessoais estão em constantes transformações e formas de conjugalidades recebem novos (des)carregamentos e atualizações.

Diante dos casos expostos: aberturas e diálogos entre os sujeitos e suas relações estimularam a preservação de autonomias e segredos que protegem a subjetividade de cada envolvido. As (des)conexões entre conjugalidades-individualidades foram utilizadas para compreensão dos incômodos nas relações e estímulos para fontes de novas formas de relacionamentos eventualmente mais saborosos do que os tradicionais, ou tão difíceis e complicados quanto eles.

A regulação do desejo e de suas expressões tornam-se o eixo articulador da relação entre o sujeito e a sociedade (MISKOLCI, 2017). Desde o doce ao azedo, desejos são vestidos de perigos, reprimidos, moldados por regimes de normalidade e normatividade, de violências traduzidas na imposição de scripts e coreografias, quer em tonalidades da monogamia quanto nas tonalidades do poliamor.

Os trabalhos sociais para a ordem não param nunca, mas fluxos de liberdade e censura se digladiam também diuturnamente. Proibições e punições (in)eficazes, combatem e alimentam falsas promessas-ameaças e abrem linhas de fuga em surtos criativos para fazer frente às imposições sociais (GOODMAN, 1997).

Amor, afeto, monogamia, poliamor são constructos sociais. Portanto não são fenômenos imutáveis e acabados. Novos programas, softwares e aplicativos carregam novos processos metabólicos que percorrem desde micro ao macro, produzindo ênfases e esconderijos, impulsionando novos apetites e transações entre as pessoas. A lógica intensificada do imediatismo, da produtividade excessiva e da hipertrofia da exposição digital dos sujeitos sociais estão desfazendo e anestesiando alguns sentidos dos tradicionais metabolismos e organismos.

As não-monogamias e poliamores ativam fluxos de adesão mas também correntezas de estigmas e de paixão pela scriptização e coreografias das divergências. O espectro da paixão pela normalidade, talvez a mais antiga e magmática das paixões, ronda os antigos e novos feudos das relações amorosas-afetivas-sexuais.

As viralizações dos sistemas podem sinalizar infecções, mas também estimular e amadurecer defesas. Não apenas como atributos: hegemônias e estigmas transam sob os lençóis da mediação eletrônica das interações sociais, aproveitando novas formas de prazeres, mas também experimentando desconfortos e maus-tratos, especialmente quando confrontam hierarquias e aristocracias da moral e do conservadorismo. Putaria, sacanagem, respeito e liberdade: poliamores vêm criticando padrões e incorporando diversos carregamentos e influências individuais-digitais-sociais.

A produção e acúmulos de energias tecnológicas-digitais vêm atualizando domínios e biopoderes. Sujeitos anteriormente soterrados por vergonhas e estigmas estão acessando os espaços de exposições online, crescendo o número de perfis, identidades e comunidades com temáticas não-monogâmicas. Carências, acolhimento e engajamento nas mãos de audiências sensibilizam e ativam medos de estarmos solitários, esquecidos e inutilizados diante das incessantes (des)atualizações.

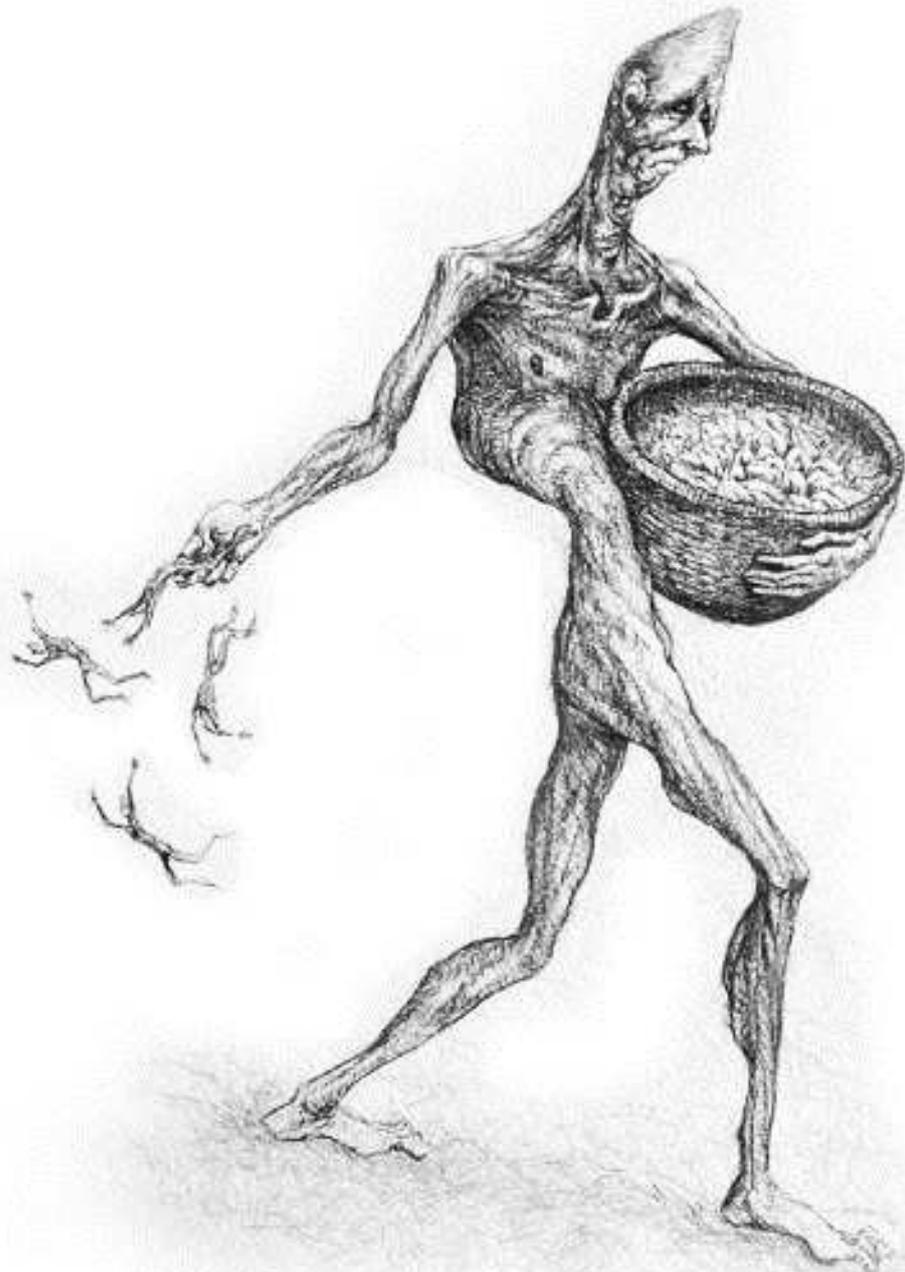
Os desejos que não ousavam dizer seus nomes são expostos ao público e despertam aprovação e apedrejamentos virtuais. Antigas programações sociais transbordam sobre identidades em construções, podendo sufocá-las. A instrumentalização dos corpos também possui validade.

Abrimos portas e janelas para as interações mediadas pelas redes sociais eletrônicas e seus domínios-labirintos. Amores diversos respiram o ar da liberação, mas redes (anti)sociais são utilizadas como armas/gatilhos nos campos de batalha em que se guerreia sem cessar por aprovação e atenção.

Entre invenções e provocações, novos passos e desafios: chegamos aonde nem planejamos. Os resultados desta pesquisa estão em processos e (des)atualizações. Em instantes que se sucedem velozes e clicks que também nunca param, eu reinicio, (des)conecto e cocrio o individual-social que me consome e impulsiona para novos desvios e anseios. Não há nenhuma identidade que dê conta de nos definir por completo.

Memórias cheias, consumos insustentáveis, últimos suspiros.

(Des)carregando...



**Fig. 10:** "O semeador de si", Susano Correia (2021)

**Fonte:** <https://www.instagram.com/susanocorreia>

## Referências

- ABOIM, Sofia. Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. *In: Análise social*, p. 801-825, 2006.
- AMORIM, Patrícia Mafra de; REIS, Daniel Bruno dos. Monogamia e identidade: considerações psicanalíticas. *In: Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 23, p. 35-43, 2020.
- ANAPOL, D. ***Polyamory: The New Love without Limits***. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1997.
- ANAPOL, Deborah. ***Polyamory in the 21st century: Love and intimacy with multiple partners***. Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- BARKER, Meg. *This is my partner, and this is my... partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world*. *In: Journal of Constructivist Psychology*, v. 18, n. 1, p. 75-88, 2005.
- BARKER, Meg; LANGDRIDGE, Darren. *Whatever happened to non-monogamies? Critical reflections on recent research and theory*. *In: Sexualities*, v. 13, n. 6, p. 748-772, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2004.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. ***Individualization: Institutionalized individualism and its social and political consequences***. Londres: Sage, 2002.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. ***The normal chaos of love***. John Wiley & Sons, 2018.
- BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004, 172p.
- CAMPOS, Ronny Francy. Ética Contemporânea: os anos 60 e o projeto de psicologia humanista. *In: Epistemo-somática*, v. 3, n. 2, p. 242-262, 2006.
- CHAUMIER, S. **La déliaison amoureuse: de la fusion romantique au désir d'indépendance**, Paris, Armand Colin, 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DOS SANTOS, Karine Brito. Intimidade: Uma Análise do Pensamento de Anthony Giddens. *In: Revista Pleiade*, v. 13, n. 28, p. 60-68, 2019. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/546>. Acesso em: 25 set. 2022.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes. v. 1. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, 1994.

- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Tradução de Leandro Konder. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2016.
- FIERMAN, Deanna M.; POULSEN, Shruti Singh. *Open relationships: A culturally and clinically sensitive approach*. In: **Critical topics in family therapy**. Springer, Cham, 2014. p. 151-161.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber (Vol. 1)**. São Paulo: Edições Graal, 2010.
- FRANÇA, Matheus Gonçalves. **Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF**. 2016. 135 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- FREIRE, S. E. de A.; GOUVEIA, V. V. Poliamor: uma forma não convencional de amar. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 24, n. 48, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18965>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIDDENS, Anthony. **Transformações da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**; São Paulo: UNESP, 1993.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. [Tradução: Mathias Lambert]. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- GOLDENBERG, Mirian. **“Porque homens e mulheres traem?”**. Rio de Janeiro: Best bolso, 2010.
- GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em movimento**, v. 2, n. 2, p. 115-123, 2006.
- GOODMAN, Paul. **Ensayos Utópicos y Propuestas Prácticas**. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1973.
- HALL, Stuart. **“Quem precisa da identidade?”** Vozes, 2008.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.
- HARITAWORN, Jin; LIN, Chin-ju; KLESSE, Christian. *Poly/logue: A critical introduction to polyamory*. **Sexualities**, v. 9, n. 5, p. 515-529, 2006.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

ILLOUZ, Eva. **Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo.** Buenos Aires: Katz, 2007.

JUNIOR, Andrade et al. **Poliamor e ciberespaço: uma análise das representações sociais no Youtube.** 2019.

KLESSE, Christian. *Polyamory: Intimate practice, identity or sexual orientation?*. **Sexualities**, v. 17, n. 1-2, p. 81-99, 2014.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil: ideias para salvar a humanidade.** Objectiva, 2020.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Petrópoles: Vozes, 2009.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda: Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo.** 10. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

LINS, Regina Navarro. **Amar em dose dupla.** 2017. Disponível em: <https://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/2017/04/29/amor-em-dose-dupla/>. Acesso em: 02 nov. 2020.

LINS, Regina Navarro. **Da monogamia ao poliamor.** 2016. Disponível em: <https://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/2016/08/06/da-monogamia-ao-poliamor/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LUHMANN, N. **O amor como paixão: para a Codificação da Intimidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MATTEI, Márcia Zomer Rossi. Poliafetividade: a quebra da monogamia no Brasil. **Constituição & Justiça: Estudos e Reflexões**, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unibave.net/index.php/constituicaojustica/article/view/132/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line.** Autêntica, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral – Uma Polêmica.** São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1998.

O'NEILL, Nena; O'NEILL, George. **Open marriage: A new life style for couples.** Rowman & Littlefield, 1984.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 98, abr. 2007. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 26 set. 2022.

PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822018000100208&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822018000100208&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 25 out. 2020.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PILÃO, Antonio Cerdeira. “Ninguém deveria se preocupar se o parceiro transa com outra pessoa”: Uma análise da militância não-monogâmica de Regina Navarro Lins. **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 24, n. 48, 2018. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18963>. Acesso em: 24 julho. 2022.

PILÃO, Antonio Cerdeira. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. **Cadernos Pagu** [online]. 2015, n. 44. pp. 391-422. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4449201500440391>. Acesso em: 07 ago. 2022.

PILÃO, Antonio Cerdeira. **Poliamor**: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

PILÃO, Antonio Cerdeira. “**Por que somente um amor?**”: um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil. 2017. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RITCHIE, Ani; BARKER, Meg. ‘*There aren’t words for what we do or how we feel so we have to make them up*’: *Constructing polyamorous languages in a culture of compulsory monogamy*. **Sexualities**, v. 9, n. 5, p. 584-601, 2006.

RUBEL, Alicia N.; BOGAERT, Anthony F. *Consensual nonmonogamy: Psychological well-being and relationship quality correlates*. **The Journal of Sex Research**, v. 52, n. 9, p. 961-982, 2015.

RUBIN, Roger H. *Alternative lifestyles revisited, or whatever happened to swingers, group marriages, and communes?* In: **Journal of Family Issues**, v. 22, n. 6, p. 711-726, 2001.

SALEM, Tânia. O casal igualitário: princípios e impasses. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 3, nº 9, fev. 1989, pp.24-37.

SEGALEN, Martine. **Sociologia da família**. Lisboa: Terramar, 1999.

SENNETT, Richard; FOUCAULT, Michel. *Sexuality and solitude*. **London Review of Books**, v. 3, n. 9, p. 3-7, 1981.

SILVA, Vania Sandeleia Vaz; NERES, Geraldo Magella; DA SILVA, Rosangela. Michel Foucault e o Poliamor: cuidado de si, parresía e estética da existência. **Tempo da Ciência**, v. 24, n. 48. 2017. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18968>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVÉRIO, Maria Silva e. **Eu, tu... ilus**: poliamor e não-monogamias consensuais. 2018. Tese (Doutorado) - ISCTE-IUL, Lisboa, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/18470> . Acesso em: 25 set. 2021.

SIMMEL, Georg; MÜLLER, Sibylle. **Secret et sociétés secrètes**. Circé, 1996.

SINGLY, F. de. **Libres ensemble: L'individualisme dans la vie commune**. Paris, Nathan, 2000.

STEARNS, P. N. **História da sexualidade**. São Paulo: Contexto, 2010.

TAVARES, Peterson Merlugo; SOUZA, Rosana Cristina da Silva. **POLIAMOR**: o perfil dos praticantes e os desafios enfrentados. 2017. 178 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário Católico Salesiano *Auxilium*, Lins, 2017. Disponível em: <https://psicod.org/poliamor-o-perfil-dos-praticantes-e-os-desafios-enfrentados-po.html>. Acesso em: 28 out. 2021.

THERBORN, Göran. **Between sex and power: Family in the world 1900-2000**. Routledge, 2004.

THÉRY, Irène. Le couple occidental et son évolution sociale: du couple «chaînon» au couple «duo». **Dialogue (Paris. 196?)**, n. 150, p. 3-12, 2000.

TURKLE, Sherry. **Life on the Screen**. Simon and Schuster, 2011.

VASALLO, Brigitte. **Pensamiento monógamo, terror poliamoroso**. Madrid: La Oveja Roja, 2018.

VAZ DA SILVA, V. S. Estudos acadêmicos sobre o Poliamor (apresentação). **Tempo da Ciência**, [S. l.], v. 24, n. 48, 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/18974>. Acesso em: 24 ago. 2022.

VINCENT, B. **Paul Goodman e a Reconquista do Presente**. Lisboa: Via Editora, 1978.

ZIEGLER, Ali *et al.* *Does monogamy harm women? Deconstructing monogamy with a feminist lens*. In: **Journal für Psychologie**, 2014.

ZONABEND, Françoise. Da família: olhar etnológico sobre o parentesco e a família. História da família: mundos longínquos. Lisboa: *In: Terramar*, v. 1, p. 13-66, 1996.